

A Constituição Federal de 1988 definiu a idade limite para a maioridade penal, classificando como inimputáveis penalmente os menores de 18 (dezoito) anos. O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990), em consonância com a Constituição, propôs a responsabilização do adolescente (12 a 18 anos) autor de ato infracional, prevendo seis diferentes medidas sócio-educativas. Nos casos de maior gravidade, o adolescente pode cumprir medida sócio-educativa de privação de liberdade. O ECA não propõe a impunidade. Aproveitando o clima de insegurança disseminado no país frente aos crescentes índices de criminalidade, tramitam atualmente no Congresso Nacional vários projetos de lei que propõem o rebaixamento da maioridade penal. Os autores desses projetos têm procurado mobilizar a sociedade no sentido de que a imputabilidade penal seja reduzida dos atuais 18 para 16 anos. Com isso, os adolescentes, pessoas em processo peculiar de desenvolvimento, passariam a ser julgados pela justiça comum e cumpririam pena no sistema penitenciário já a partir dos 16 anos.

O rebaixamento da idade penal tem como conseqüências:

- a transformação do adolescente no “bode expiatório” responsável pelo clima de violência e insegurança social;
- a criação de uma “cortina de fumaça”, desviando a atenção da opinião pública das causas reais da violência, que são a ausência do direito ao trabalho e ao salário justo; os apelos desenfreados do consumo; a impunidade e o fracasso dos mecanismos de controle social; a corrupção que atravessa todos os poderes públicos; a desresponsabilização do Estado, da escola e dos meios de comunicação de massa pelas crianças e adolescentes;
- a desqualificação do ECA como instrumento jurídico na regulação dos direitos e responsabilidades dos adolescentes, bem como do princípio constitucional que o sustenta.

O limite fixado para a maioridade penal não pode ser confundido com a idéia de desresponsabilização da juventude: inimputabilidade não é sinônimo de impunidade. O critério de fixação da idade penal é essencialmente cultural e político, revelando o modo como uma sociedade lida com os conflitos e as questões da juventude, privilegiando uma lógica vingativo-repressiva ou uma lógica educacional. É uma ilusão achar que o sistema carcerário brasileiro poderá transformar adolescentes, autores de atos infracionais em cidadãos que possam contribuir produtivamente na sociedade.

Portanto, posicionamo-nos contra o rebaixamento da idade penal. O adolescente, autor de ato infracional deve ser responsabilizado por suas ações, de acordo com as condições definidas pelo ECA, pois só desse modo estaremos formando cidadãos capazes de construir de uma sociedade mais justa e solidária. Propomos, portanto, que não se altere a Lei Federal nº 8.069, permanecendo a idade de responsabilização penal nos 18 anos; que as condições de cumprimento das medidas sócio-educativas promovam o resgate da cidadania – direitos e deveres – de nossos adolescentes, um fator determinante no processo de inclusão social. No início do século 21, continuamos sonhando que o Brasil seja o “país do futuro”. Esse futuro só se tornará realidade quando houver um investimento real na educação e desenvolvimento de nossa juventude.

## O futuro do Brasil não merece cadeia

### Manifesto contra a redução da idade penal

Tamanho e documento



**10 ANOS DO ECA**  
estatuto da criança e do adolescente

**Conselho Regional de Psicologia SP**

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América,  
cep 05410-020, São Paulo SP  
tel (11) 3061 9494 fax 3061 0306  
e-mail info@crpsp.org.br | site www.crpsp.org.br

# psi

jornal de psicologia  crp sp

ano 18 • número 121 • março / abril 2000



Psicologia @ informática



“Estou muito preocupada com o que vai acontecer às pessoas se elas passarem todas as suas horas interagindo com e por meio de um aparelho que constantemente ignora suas emoções”

Rosalind Picard, diretora de Computação Afetiva do Media Lab, FSP, 22/03/2000.

“Pai e filha marcaram um encontro depois de se corresponderem e se paquerarem pela Internet e levaram um susto ao se reconhecerem. Felizmente, neste caso a relação familiar, que era péssima, melhorou porque ele viu que buscava na namorada virtual a filha com quem tinha problemas, e ela que tentava recuperar o pai no contato com um homem mais velho.”

Alice Bittencourt, psicanalista, OESP, 26/08/1999.

“Havia um casal com menos de 30 anos e com um filho. A mulher passava as noites na frente do computador; o marido decidiu pela separação. Agora, os dois fazem terapia.”

Tonino Cantelmi, prof. da Univ. de Roma, Itália, OESP, 07/06/1999.

02 **Editorial**

**Cartas**

Atividades da Comissão de Ética do CRP SP

**Administração**

04 **Diálogos**

Maria Helena Souza Patto: referência em Psicologia Escolar

**Debate**

Prós e contras em torno da regulamentação de especializações

10 **Informática**

Psicoterapia mediada pelo computador é regulamentada

**Segurança**

Falta privacidade no atendimento on line

14 **Comportamento**

As mudanças provocadas pela Internet

**Desafio**

Capacidade cognitiva na inteligência artificial

16 **Opinião**

Ciência e prática profissional não podem ser confundidas com religião ou comércio

**Livros**

Ética e técnica no acompanhamento psicoterapêutico

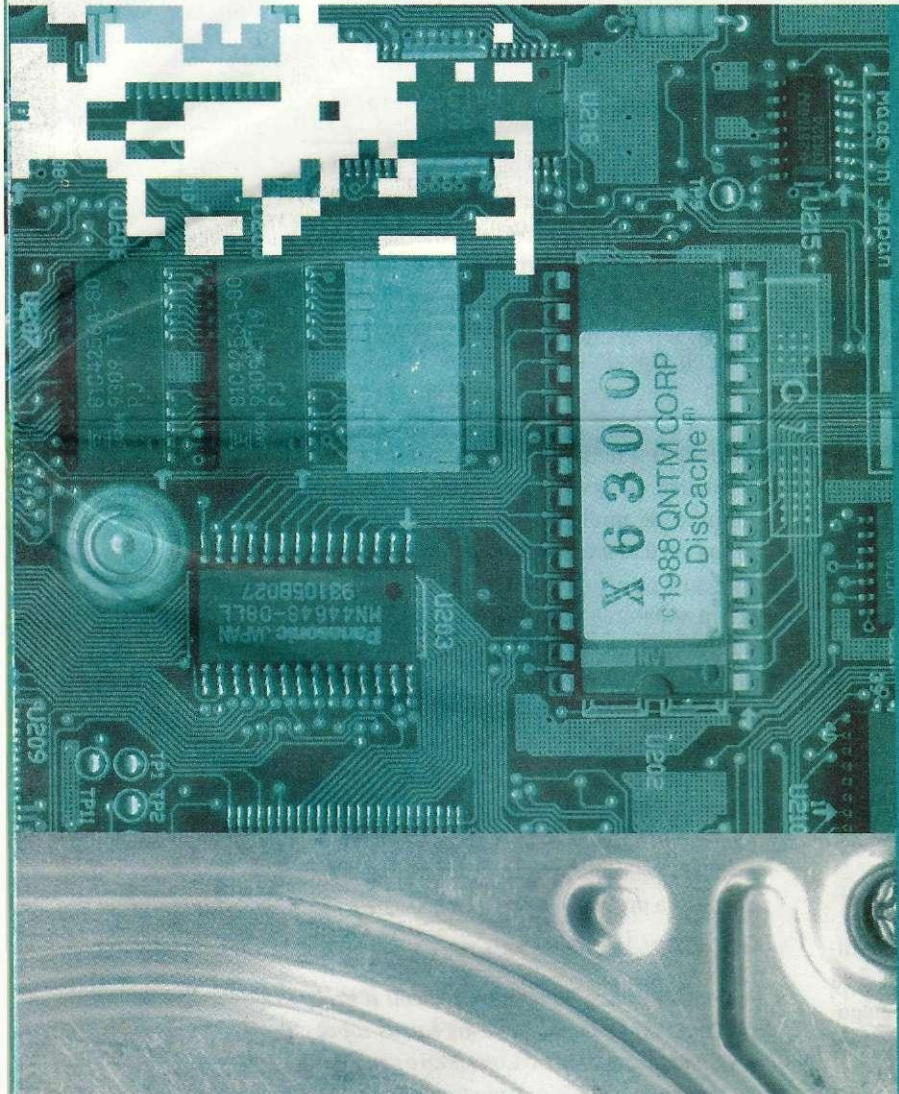
18 **Notas**

O Conselho na TV, novo concurso etc.

19 **Orientação**

Trabalho voluntário e responsabilidade profissional

**Agenda**



**Expediente**



Conselho Regional de Psicologia SP

Psj Journal de Psicologia CRP SP é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

**Diretoria**

Presidente | Lurmeira Almeida Castro Furtado  
Vice-presidente | Odair Furtado  
Secretário | Alexandre Nicolau Lucas  
Tesoureiro | Rogério Izidio Duran

**Conselheiros efetivos**

André Isnardi Leonardi, Bruna Liebesny, Carmem Sílvia Taverna, Katia Kubo, Leliane Gillose Moreira, Odette de Godoy Pinheiro, Marângela Aoki, Rachel Contrucci Alvim, Sandra Maria Sawaya, Vania Conselheiro Sequiera e Wanda Maria Junqueira Neves

**Conselheiros suplentes**

Ana Stella Alvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuoli, Edithilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli, José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles, Maria Regina Namura, Milton Baldon, Rafaela Cochhola, Sérgio Ozella, Suelli Pereira Pinto e Valéria Pereira

**Gerente geral** Diógenes Pepe

**Comissão de Comunicação**

Odair Furtado, Inez Guimarães Pistelli, Elizabeth Arouca, Katia Rubio, Elisa Sayeg e Raíssa Cochhola

**Reportagens** Cristiano Isonis

**Revisão de textos** Rose Maninho

**Fotos** Márcia Zoet, Agência Algos

**Projeto gráfico e editoração** Fome Design (t1) 881 5892, 282 1944

**Ilustrações** Gilberto Tomé, Patrícia Gimeno, Juliana Milguelito

**Impressão** Folha Gráfica

**Tragem** 42.000 exemplares

**Periodicidade** bimestral

**Sede CRP SP**

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América  
cep 05410 020 São Paulo – SP  
tel (11) 3061 9494 fax (11) 3061 0306

**E-mails**

Diretoria | direcao@crpsp.org.br  
Informações | info@crpsp.org.br  
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br  
Administração | admin@crpsp.org.br  
Journal de Psicologia | journal@crpsp.org.br  
Site http://www.crpsp.org.br

**Subsedes CRP SP**

Assis | tel (68) 322 6224, 322 3932  
Bauri | tel (44) 223 3147, 223 6020  
Campinas | tel (19) 243 7977, 241 8516, 243 6796  
Ribeirão Preto | tel (16) 620 1377  
Santo André | tel (11) 444 4000  
Santos | tel (13) 235 2324, 333 8115  
São José do Rio Preto | tel (17) 235 2883, 235 5047  
Taubaté | tel (12) 233 3867, 232 9357



# Nosso papel social: uma reflexão permanente

Cada vez mais se torna difícil separar a busca por uma perspectiva de avanço para a Psicologia das questões gerais que envolvem o resgate da cidadania em nossa sociedade. Vejamos alguns exemplos: todos pudemos acompanhar as recentes greves dos servidores da educação e saúde do Estado, na capital paulista, entre os quais incluem-se muitos psicólogos - são anos sem aumento salarial refletidos numa manifestação que teve como resposta uma dura repressão; temos também acompanhada grave situação de instabilidade na Febem SP, que permanece por meses a fio e para a qual o CRP SP tem procurado apontar alternativas; mais preocupante ainda é a situação que envolve a Prefeitura de São Paulo, imersa em denúncias de corrupção, com uma possibilidade de que, enfim, sejam apuradas num processo de *impeachment* do atual prefeito.

A perspectiva de construção de uma prática qualificada passa, portanto, por uma permanente reflexão sobre o nosso papel social. E tento isso em mente que selecionamos os assuntos tratados nesta publicação, que traz na atual edição com destaque uma reportagem abrangente sobre as áreas de interseção entre a Psicologia e a informática, resultado do trabalho de muitos psicólogos reunidos no I Simpósio Psicologia na Informática, ocorrido no CRP SP entre 7 e 9 de abril último. Ampliamos ainda nosso convite para que você venha engrossar o contingente de psicólogos que já aderiram à **1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**, cujos prazos para inscrição seguem até 30 de junho. Vamos dar visibilidade a tudo que temos realizado em nosso cotidiano, muitas vezes anonimamente, sem que a sociedade tome conhecimento. Participe, inscreva seu traba-

lho! Todos temos o que mostrar!

Também queremos salientar o crescimento que podemos constatar na produção cultural do Conselho: cafés filosóficos acontecem em várias cidades do interior do Estado; o Videoclube CRP SP tem se mantido lotado em todas as sessões; o Café Diversidade, que funciona na sede nos dias de Videoclube e outras ocasiões de eventos, está se tornando um ponto de encontro; inauguramos em 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial, o programa de tv Diversidade, resultado de uma parceria com a TV PUC (Canal 15, CNU, pela Net e TVA). Enfim cada vez mais temos bons motivos para nos encontrar, conversar, trocar idéias... Você também está convidado.

**Lumêna Almeida Castro Furtado**

Conselheira-presidente do CRP SP

## Cartas

### Idade penal

✦ Discordo radicalmente de vocês (quanto ao Manifesto Contra o Rebaixamento da Idade Penal). Acho que estão profundamente equivocados. Bandido é bandido, não importa a idade e deve ser tratado como tal. Vocês me parecem um bando de donzelas sonhadoras da alta sociedade que desconhecem a vida real. Devemos brigar por justiça para todos, principalmente para as vítimas dos bandidos que, a meu ver são os menos assistidos. Se querem lutar por algo, por que não lutam por um projeto de auto-sustento pelos presidiários e livram a sociedade de mais este peso.

Mauro Basso, editor, consultor e sociólogo, Capital (por e-mail)

✦ Em encontro promovido pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, em fevereiro deste ano, foi-nos apresentada a seguinte estatística: para cada assassinato cometido por um adolescente, 16 adolescentes são assassinados! Em seguida, também foram-nos apresentados outros números: 9 projetos de lei tramitam no Congresso (7 na Câmara e 2 no Senado) pleiteando o rebaixamento da maioridade penal. Ao contrário do que se tem afirmado, constam dos projetos rebaixamento não só para os 16 anos, mas também para 14 e até, pasme-se, para os 12. Não se tenham dúvidas, portanto, de que, ao se transformar algum desses projetos em Lei, estará o Brasil culpabilizando e apenando a vítima do sistema sócio-político-econômico-cultural construído neste país na última década. Em vez de se ir a fundo na análise e na transformação do sistema injusto, opressor e excludente aqui estabelecido, fica-se na aparência. Em vez de se criarem projetos na área da assistência, da saúde, da educação e da cultura que busquem transformar nossas crianças e adolescentes e, por que não, também os nossos jovens em sujeitos-cidadãos, buscase removê-los, como a intrusos, como a lixos. (...) Por isso, temos que nos juntar, todos aqueles que um dia foram chamados de "homens (e mulheres) de boa vontade", não só para denunciar a opressão e a exclu-

são vividas por nossas crianças, adolescentes e jovens. Mas é importante que nos mobilizemos, que ajamos o mais rápido possível, senão estaremos encarcerando as vítimas deste sistema e deixando de fora os seus algozes.

Carlos Francisco Signorelli, vereador (PT-SP), presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de Campinas (por e-mail).

*Esperamos que o e-mail de apoio ao Manifesto do CRP SP (leia-o na contracapa) do vereador Signorelli responda ao e-mail anterior, contrário ao mesmo, e que causa surpresa não apenas pelo seu conteúdo desinformado e preconceituoso, mas particularmente por estar assinado por um sociólogo.*

### Psicologia na publicidade

✦ Gostaria de parabenizar O CRP SP pela atitude diante da propaganda veiculada pela FEI. Este tipo de campanha ofende a categoria que luta para conseguir derrubar tais preconceitos. Gostaria de colocar-me à disposição para qualquer coisa, pois sofri "brincadeiras de mau gosto" em consequência da propaganda. Parabéns. É assim que sentimos um Conselho de classe nos representando.

Marcia Cristina Cabral da Silva, Capital (por e-mail)

✦ Eu sou psicólogo clínico há 22 anos e fiquei indignado com um anúncio publicitário do cartão de crédito Credicard, veiculado na Rede Globo. Neste anúncio, aparece uma mãe com o dilema de dar ou não dar um cartão de crédito para seu filho adolescente. Depois de tantas dúvidas, finalmente diz: "Ah! eu vou dar sim. Afinal vai sair mais barato que pagar uma terapia". Eu acho que o anúncio é no mínimo uma grande falta de respeito e que a situação requer uma posição do Conselho e, se for o caso, tomar medidas judiciais. Esperando que alguma providência seja tomada, agradeço a atenção.

José Carlos, Capital.

✦ Gostaria que fosse verificada a propaganda exibida na semana passada a respeito do cartão de crédito Credicard, em que uma mãe está em dúvida sobre fornecer ou não um cartão adicional para o seu filho adolescente. (...) Esta propaganda, a meu ver, está acompanhando a linha de outra propaganda de faculdade, em que se escolhia Psicologia pelo número de mulheres que fazem o curso, numa verdadeira banalização da profissão. Este quer chamar atenção pelo mesmo motivo - a polêmica - além de passar a idéia que a Psicologia é adequada quando os pais não satisfazem "adequadamente" seus filhos pelas concessões materiais e que, revoltas adolescentes são evitadas por crédito financeiro em substituição a crédito pessoal, este muito difícil de ser alcançado no funcionamento das relações cotidianas e que, da mesma forma que a propaganda anterior citada, banaliza a profissão de psicólogo.

Graça Lima, Capital

*A Comissão de Orientação verificou a propaganda do Credicard (várias cartas sobre o assunto chegaram ao Conselho) e concluiu que a situação pode ser interpretada de várias maneiras, nem todas significando o aviltamento da profissão. Exemplo: poderia ser entendido que um adolescente autônomo e responsável pelos seus gastos poderia ser menos problemático e não precisar da ajuda de um profissional. Quanto à ênfase dada pela publicidade à questão do consumo como indicação de saúde, é mensagem geral passada por muitas propagandas. A nosso ver, não há justificativas para uma intervenção do Conselho, como houve no caso da propaganda da Faculdade de Engenharia Industrial, FEI, veiculada em fins do ano passado, retratando os cursos de Psicologia como locais para se paquerar "menininhas". Infelizmente, em fevereiro último o Conselho Nacional de Autoregulamentação Publicitária, Conar, decidiu arquivar definitivamente a representação do Conselho, decisão que causou repúdio e indignação: neste caso, a discriminação contra a Psicologia foi premiada com a impunidade. ●*



# Ética, um compromisso do profissional com a coletividade

“Ética” é um conceito discutido pelo ser humano desde a Antiguidade. Originada no termo grego *ethós*, o termo diz respeito ao compromisso de cada indivíduo com sua coletividade, expresso em suas atitudes e comportamentos. Ética é um requisito básico na conduta de qualquer profissional, tanto que se tornou uma disciplina comum a todos os cursos de graduação. Para orientar o comportamento dos profissionais de Psicologia, o CFP regulamentou em 1987 o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP nº 002/87). Regionalmente, cada Conselho de Psicologia possui uma Comissão de Ética, que cumpre a função de preservar a observância deste Código, orientando os profissionais e recebendo representações contra aqueles que são alvo de denúncias.

Para que sejam consideradas, essas representações devem ser qualificadas, ou seja, têm de ser assinadas e conter identificação clara do(s) reclamante(s). Até 1998, elas chegavam ao CRP SP por diferentes portas. Desde então, foi estabelecida uma interface com o Centro de Orientação, que passou a receber as representações e encaminhá-las para a Comissão de Ética quando procedentes. Depois de recebidas, elas passam por um trâmite de três etapas, dependendo do grau de consistência: apreciação prévia, controle ético e processo ético. A apreciação prévia é feita porque há casos de denúncias que são arquivados imediatamente. “Por exemplo, a briga de uma síndica que também seja psicóloga com moradores do seu prédio; um caso desses não pode ser analisado por nós. Apesar de envolver um problema ético, não se enquadra nos fins do Conselho por não se tratar de um problema ligado ao exercício profissional”, comenta Brônia Liebesny, membro da Comissão de Ética.

As denúncias procedentes passam, então, para a etapa do “controle ético”, que tem início quando o psicólogo denunciado é informado e solicitado a apresentar explicações para os fatos (defesa prévia). Se nessa etapa os esclarecimentos prestados deixarem dúvidas quanto a sua conduta em relação à denúncia, o profissional será enquadrado com base nos artigos do Código de Ética que possa ter infringido, respondendo a um Processo Ético que consiste numa averiguação mais profunda e detalhada da denúncia. É feita, então, uma pesquisa minuciosa sobre o caso, proporcionando amplas chances de defesa ao profissional, motivo pelo qual também essa é a fase mais morosa dos procedimentos. Num primeiro momento, é solicitado do denunciado que apresente uma defesa escrita, podendo inclusive utilizar os serviços de um advogado. Posteriormente, é formada uma Comissão de Instrução, constituída por um membro da Comissão de Ética e dois psicólogos convidados, que procederá às oitivas, ou seja, as audiências nas quais se toma o depoimento do denunciante, do psicólogo denunciado e das testemunhas de acusação e defesa (não há um número de testemunhas definido). “Estamos inovando e convidando para compor as Comissões de Instrução profissionais que não atuem diretamente dentro do Conselho, prin-

cipalmente professores de ética, com o intuito de envolver a categoria nessas questões”, esclarece Rachel Alvim, coordenadora da Comissão de Ética do CRP SP.

Depois das oitivas, as partes envolvidas entregam suas alegações finais; a Plenária do CRP SP designa um relator-conselheiro (que não pode pertencer à Comissão de Ética), a quem caberá elaborar um relatório sobre todo o processo. Uma Plenária específica para julgamentos de Processos Éticos faz a avaliação final deste relatório. Num universo de 42 mil psicólogos ativos em São Paulo, a Comissão de Ética recebeu em 1999 um total de 50 representações (veja gráfico). A grande maioria não chega a se transformar em Processos Éticos. As denúncias são sempre analisadas com base no Código de Ética e apresentadas em forma de síntese para a Plenária de Conselheiros. “Os profissionais têm muito temor da Comissão de Ética, pois imaginam que tomamos as decisões sozinhos. Isso não é verdade. A Plenária do CRP SP, a cada etapa, analisa e acompanha os encaminhamentos realizados pela Comissão de Ética”, explica Rachel Alvim. Além disso, as decisões regionais podem ser recorridas em qualquer fase, desde que dentro dos prazos legais, junto ao Conselho Federal de Psicologia - órgão máximo do Sistema.

A maioria das representações que chegam ao CRP SP referem-se a laudos psicológicos em casos de litígio, como a guarda de filhos. O número de representações envolvendo as chamadas “práticas não-reconhecidas” (astrologia, Florais de Bach, cromoterapia etc.) também é considerável. Na maioria das vezes, a atitude inicial do psicólogo denunciado é cobrar uma posição de proteção do Conselho, acreditando que ele existe

para defendê-lo enquanto indivíduo, em qualquer circunstância. É preciso que se tenha claro que a função da Comissão de Ética é executiva e voltada para a defesa da Psicologia enquanto profissão, preservando-a em sua integridade perante a sociedade.

Porém, essa responsabilidade não pode ficar apenas vinculada às facetas processuais. Por esse motivo, a Comissão também adotou, desde 1998, uma postura voltada para a orientação e a prevenção, procurando manter os profissionais informados e estimulando a reflexão sobre questões de conduta dentro da Psicologia. Quanto mais questionadores forem os profissionais, mais qualificada será a Psicologia. Nessa direção, diversas atividades estão sendo promovidas pela Comissão, como reuniões para troca de experiências sobre métodos de ensino com professores de Ética e debates sobre o trabalho do psicólogo no setor judiciário e suas relações com outras esferas de assistência e instituições. Outra meta importante é conferir agilidade ao procedimento administrativo das representações: a Comissão quer evitar que processos fiquem parados e oferecer respostas mais rápidas, preservando sempre o sigilo e os demais procedimentos exigidos pelo Código de Processamento Disciplinar. ●

## Representações recebidas pela C.E./1999

Denúncias arquivadas	27	54%
Controles Éticos	17	34%
Processos Éticos	6	12%
Total recebido	50	

## Atividades institucionais C.E./1999

Oitivas realizadas	18
Comissões de Instrução	5
Reuniões Ordinárias	35

fonte: Comissão de Ética / CRP SP

### Confira

O Código de Ética Profissional do Psicólogo está disponível nos sites CRP SP ([www.crp.org.br](http://www.crp.org.br)), do CFP, Psicologia On Line ([psicologia-online.org.br](http://psicologia-online.org.br)) e no Manual do Conselho Regional de Psicologia SP.

### Penalidades previstas no Código de Processamento Disciplinar\*

- a) advertência
- b) multa
- c) censura
- d) suspensão do exercício profissional por até 30 dias
- e) cassação do exercício profissional ad referendum do CFP

\*Artigo 33º, do Capítulo IV



# Psicologia de resistência ao estabelecido

Docente do Departamento de Psicologia de Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP, a psicóloga Maria Helena Souza Patto é uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras na área de Psicologia Escolar. É autora de livros referências na área, como “Psicologia e Ideologia”, de 1984, e “Produção do Fracasso Escolar”, de 1990, que terá nova edição pela Casa do Psicólogo e já vendeu cerca de 50 mil exemplares. Nesta entrevista ao Projeto Diálogos, ela explicita as bases teóricas e metodológicas do seu trabalho, respondendo a perguntas das psicólogas Adriana Marcondes, Marilene Proença, Wanda Maria Junqueira e Ana das Mercês Bahia Bock.

**Adriana Marcondes** - Conte a história do seu envolvimento com a Psicologia, particularmente, a Escolar.

**Maria Helena Souza Patto** - O meu interesse por Psicologia foi, como talvez seja o interesse de todos nós por alguma coisa, muito direcionado pela família. Minha mãe, por questões da biografia dela, queria muito estudar mas acabou interrompendo os estudos e ficou com essa frustração. Creio que fui herdeira desse desejo dela, que tinha uma admiração grande por uma amiga psiquiatra. Só que Psiquiatria não dava, porque teria que fazer vestibular para Medicina e sempre fui péssima em exatas. Gostava muito de Humanas, e acabei satisfazendo minha mãe fazendo o curso de Psicologia. Naquela época, era um curso muito simplificado, baseado em manuais da Psicologia clássica norte-americana. O único tema que me interessou então veio de um texto que me caiu nas mãos já no quinto ano, sobre as crianças carentes culturais, que se chamava “Os Falsos Débeis” e afirmava que as crianças pobres que não são débeis, mas carentes culturais. E este texto também me pegou pela biografia, porque eu fiz grupo escolar, recém-chegada do interior, num bairro da periferia de São Paulo, chamado

Tremembé, que atendia a uma clientela muito pobre. Tive coleguinhas pobres, que vinham de uma favela de migrantes nordestinos, e sempre me senti incomodada como primeira da classe. Já entrei alfabetizada para a escola e fiquei tocada pela maneira como essas crianças eram tratadas. Eu tinha uma avó, mãe da minha mãe, que era filiada ao Partido Comunista Brasileiro e me ensinou o sentimento das injustiças. Juntando tudo isso, esse texto fez muito sentido para mim. Depois, assim que me formei, fui contratada pela Faculdade e havia a possibilidade de eu dar a disciplina “Psicologia do Escolar e Problemas de Aprendizagem”. Até então era um curso em que cada professor dava um tema: aprendizagem e problemas visuais, auditivos, de lateralidade etc... Eu tinha 23 anos quando recebi esse curso. A partir do contato com aquele texto, entrei no tema da psicologia do rendimento escolar e não saí mais, passei a vida inteira mergulhada nisso. Fui encarregada da disciplina “Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem” durante 25 anos.

**Ana Bock** - Quería que você contasse sua relação com a Psicologia sob a perspectiva da resistência às forças sociais contrárias às suas idéias. A ditadura, hoje o neoliberalismo...

**Souza Patto** - Eu nem sempre andei contramão. Para andar contramão, precisamos primeiro andar na mão. No começo, eu divulguei a Teoria da Carência Cultural, aderi a essa Psicologia que, a partir de um certo momento, comecei a criticar. Meu trabalho tem sido fundamentalmente de crítica da Psicologia. Mesmo quando eu me debruço sobre a escola, nunca perco de vista a inserção dos psicólogos na realidade escolar. A resistência, esse contra-discurso, eu comecei a construir a partir, primeiro, de idas às escolas de periferia com o desafio de olhar para essa realidade, observá-la de uma maneira vivida e pensada. Isso eu aprendi fazendo alguns cursos na pós-graduação, quando estava preparando o meu doutorado. Por exemplo, e principalmente, o curso da Ecléa Bosi, que me mostrou como nosso olhar sobre a realidade passa por filtros que nos impedem de vê-la, inclusive os filtros teóricos, os estereótipos rasos, pseudo-científicos de uma Psicologia superficial, de algibeira. A partir do momento que pude olhar para essa realidade, vivê-la e pensá-la criticamente, eu tinha que começar, de alguma maneira, a denunciar, a chamar os psicólogos para uma reflexão a respeito do exercício da sua profissão, e fazer também a crítica da escola. Não é fácil ocupar o lugar de quem diz: “o rei está nu.” É um lugar cheio de espinhos e por isso mesmo procuro não entrar em grupos de conflito, em panelas... Nesse sentido, fiquei muito solitária, nunca tive turma. Preferi ser portadora de um alerta: “atenção, essa é uma



Psicologia perigosa, não caminha afinada com os interesses populares, contribui para a dominação e chega a ser, em determinados momentos, criminoso. Essa Psicologia pode contribuir para tirar de certas crianças e pessoas os seus direitos de cidadãos. Eu disse numa publicação aqui do Conselho que os laudos psicológicos são verdadeiros crimes de lesa-cidadania. Isso deve ter causado muito rancor entre os psicometristas. Tudo que escrevi e disse foi nessa direção. Não sei no que resultou; certamente está muito longe do que eu gostaria. A educação, vejo-a cada vez pior, embora digam os mais otimistas - ou realistas, não sei - que a semente fica. Acho que nós que trabalhamos para formar esse contra-quadro, convidando os psicólogos a uma postura mais reflexiva e crítica, aos pouquinhos, estamos chegando a esta instituição. Ainda existem cursos de Psicologia muito ruins, fazendo e ensinando uma Psicologia de quinta categoria, que certamente vai prejudicar pessoas. Mas eu tenho a impressão de que não foi em vão, que essa postura mais crítica é mais freqüente hoje do que era quando eu fiz o curso de Psicologia, quando não existia reflexão nenhuma sobre a ciência que iríamos praticar.

**Wanda Maria Junqueira** - Você disse que a Teoria da Carência Cultural foi importante no seu começo e, depois, foi superada. Como se deu essa superação?

**Souza Patto** - Quando me formei, passei um ano nos Estados Unidos, ainda na vigência da assim chamada “Teoria” da Carência Cultural e dos Programas de Educação Compensatória. Visitei alguns desses Programas, com crianças negras, porto-riquenhas e das demais minorias étnicas. Na época, já começava a haver uma



crítica, mas eu ainda trouxe todo o material oficial e com ele fiz minha tese de Mestrado aqui, "Privação Cultural e Educação Compensatória Pré-Escolar". Tanto que todos os livros com este texto que encontro, hoje, compro para poder esconder. (risos) Se bem que já havia ali um germenzinho de desconfiança, num último capítulo, que começava assim: "será que existe mesmo isso?" Mas quem me ajudou a olhar de esguelha para essa coisa toda foram as pessoas pobres da periferia.... Estudei a Teoria da Carência Cultural e fui para os bairros pobres conviver com essas pessoas. Então, vi que não batia, porque a Teoria as apresentava como poços de deficiências, incapazes de falar, pensar, com problemas de motricidade, de linguagem, emocionais, perceptivos etc. Eu chegava lá e não via nada disso. Via crianças que falavam uma língua que eu entendia, com as diferenças gramaticais que marcam a língua nas diferentes classes sociais, mas eram pessoas que propunham, criavam, refletiam, construam, se viravam em condições quase inviáveis de vida; desenvolviam estratégias de sobrevivência e podiam chegar a fazer críticas fundadas à escola... Essas pessoas me mostraram que os pressupostos da tese da deficiência psíquica estavam errados. Meus trabalhos são passos em direção à superação da Teoria da Carência Cultural. Escrevi "Psicologia e Ideologia", depois veio "A Produção do Fracasso Escolar" e atualmente estou fazendo um outro que vai ainda mais fundo na crítica à Psicologia. Estou tentando reconstituir a construção histórica da Psicologia no Brasil. Sem História não existe crítica. Eu costumo dizer que quem não sabe um mínimo de História e de Filosofia sabe muito pouco... Você só pode entender o presente se recuar ao passado. As idéias são geradas numa realidade social concreta. Estou em busca da reconstituição histórica das idéias presentes na Psicologia. Voltando à questão, foi um caminho que veio da experiência, da observação, do convívio com essas pessoas e, por outro lado, de uma fundamentação teórica que me permitiu fazer o que eu estou chamando de crítica: ir à raiz das idéias, para desvelar seu compromisso. Outro mito que temos que destruir é o de que o conhecimento científico seja desinteressado, neutro. Não é! É interessado e tem compromisso com os grupos sociais que estão em conflito na realidade social. Pode ser com a classe que domina ou com a dominada, mas existe compromisso.

**Wanda Maria** - *Gostaria que você avaliasse se nas políticas atuais para a escola pública está superada a Teoria da Carência Cultural.*

**Souza Patto** - Fico indignada com a política educacional, porque acho que a desfaçatez nunca foi tão grande. Fico indignada com o que se faz em matéria de política educacional nesses tempos rombugados de neoliberalismo, globalização e outros eufemismos. Acho que a política educacional é de fachada. Uma revista semanal recentemente divulgou que 98% das crianças no Brasil estão na escola e 30% dos brasileiros estão na faculdade. Estava esperando a hora em que essas estatísticas viriam a público. Por quê? Porque a política educacional atualmente é feita com

dois objetivos: baratear a escola pública ao máximo e maquiagem estatísticas. Propostas como classes de aceleração, acabar com a reprovação de qualquer jeito, mandar os alunos de 14 anos para os supletivos da vida... tudo isso tem o sentido de baratear o custo *per capita* da educação pública escolar. 98% das crianças brasileiras estão dentro das escolas. Mas recebendo que tipo de ensino? Aprendendo o quê? Quem conhece o dia-a-dia de grande parte das escolas públicas de 1º e 2º graus sabe que isto é uma farsa! Essas pessoas jamais vão ter condições de competir em pé de igualdade com quem fez uma boa escola particular, seja no vestibular, no mercado de trabalho, no que for. Eles criam para essas pessoas a ilusão de que vão ter igualdade de condições se freqüentarem a Escola. É uma nova política que segura os excluídos por mais tempo dentro do sistema escolar, sem benefícios escolares reais. Houve uma época em que a Teoria da Carência Cultural esteve muito presente na política educacional. Não sei se a política atual tem alguma teoria por trás. Há o tão falado Construtivismo, que pressupõe que as crianças das classes populares têm atraso cognitivo. Então, acho que a Teoria da Carência Cultural, que é neta das teorias raciais do início do século, continua de algum modo orientando a política educacional. E quanto mais analiso as teorias raciais, mais chego a esta conclusão. Partir do pressuposto da desigualdade é racismo disfarçado, é concordar com explicações ideológicas que reduzem o social ao individual. Então a teoria da carência cultural ainda está aí, sim, com toda a força, principalmente através do Construtivismo, que é o referencial teórico maior da política educacional hoje.

**Marilene Proença** - *Como você vê a pesquisa na área educacional no Brasil, hoje?*

**Souza Patto** - Do ponto de vista de pesquisa, houve um progresso grande. Até uns anos atrás, o único modelo de pesquisa considerado científico era o experimental. Não era pesquisa o trabalho que não tivesse sofisticados tratamentos estatísticos e não visse o mundo como composto de variáveis dependentes e independentes ligadas por relações lineares de causa e efeito. A ênfase mais recente na pesquisa qualitativa, etnográfica, nos estudos de caso que abolem a obrigação da representatividade estatística, fez a Psicologia progredir, passando da produção de conhecimento para a compreensão do objeto de estudo, que deixa, portanto, de ser objeto. Pode parecer um jogo de palavras, mas não é. Uma coisa é produzir conhecimento a partir do pressuposto de neutralidade, de objetividade como distanciamento do pesquisador; outra coisa é o conhecimento produzido no calor de um estudo de caso, de um encontro no qual se aprofunda o contato com a realidade estudada. É preciso compreender o que estamos estudando; se for uma família,

é preciso inseri-la num contexto maior: saber que lugar social ela ocupa, qual é sua trajetória, de onde vem, por que vem, como vive, o que pensa, quais as suas dores e esperanças. É por aí que se produz um conhecimento que é mais do que conhecimento, é compreensão. Discordo dos alunos que se queixam que os cursos de Psicologia são muito teóricos. Seria ótimo se fossem. Eu vejo nos cursos de Psicologia retalhos de teoria; e falta formação metodológica. Deveríamos aprofundar a formação dos psicólogos como pesquisadores. E continua faltando isso na pós-graduação. Treino no método experimental é apenas um primeiro contato com a aquisição de rigor científico. Não se pode parar aí, porque existem outras teorias em Ciências Humanas que portam outros métodos. E não se trata de dizer que procedimentos quantitativos são pesquisa positivista e qualitativos são pesquisa materialista histórica. Este é um equívoco muito freqüente. Marx passava noites analisando dados econômicos. Não existe nenhum mal em quantificar, o importante é o que se faz com a quantificação. O empírico é abstrato enquanto não é interpretado no âmbito da realidade concreta - a realidade das relações sociais de produção. Acho que progredimos muito, mas agora precisamos garantir que os futuros pesquisadores dominem métodos baseados em outras concepções do que é conhecimento e como produzi-lo.

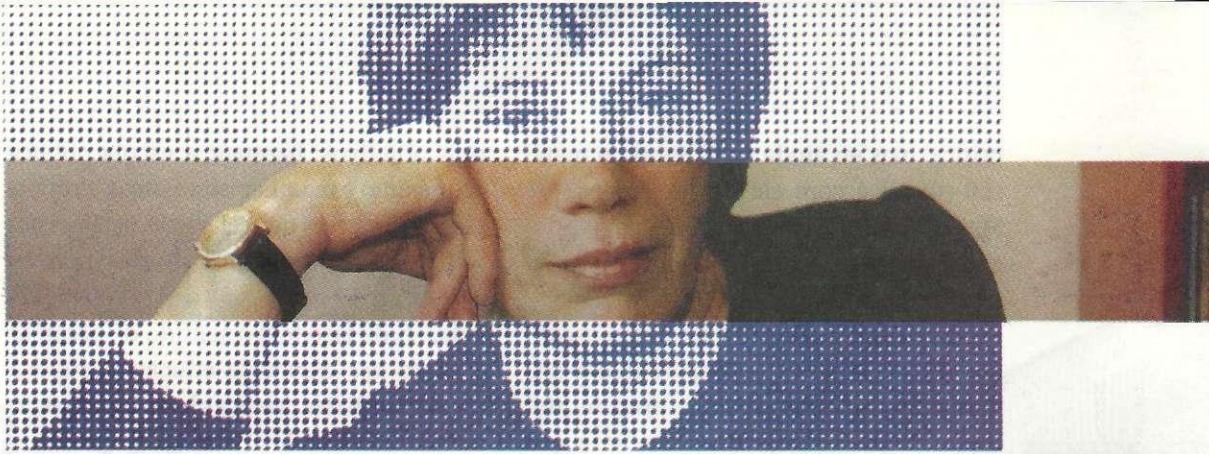
**Wanda Maria** - *Que importância você atribui à pesquisa histórica na formulação das questões que a Psicologia enfrenta hoje?*

**Souza Patto** - Vou responder a essa questão dando um exemplo. A Psicologia hoje é constituída de diferentes áreas, uma das quais é a Psicologia do Desenvolvimento, que já recebeu outros nomes: ela já foi





Psicologia Evolutiva, uma Psicologia normativa que fez parte fundante da chamada Pedagogia Nova ou Escola Nova. Tanto que Lourenço Filho, numa de suas obras da década de 20, na qual expõe os princípios da Escola Nova, diz que são duas as ciências constitutivas dessa Pedagogia Nova: a Biologia e a Psicologia, esta também em grande parte biológica. Trata-se da Psicologia de Desenvolvimento clássica que, de alguma forma, está aí até hoje. Estudando o momento histórico em que surge a Pedagogia Nova, seus pressupostos e objetivos, vê-se que existe uma relação orgânica entre aquilo que se formula teoricamente e os conflitos sociais que as classes dominantes estão querendo resolver. Tanto a Pedagogia Nova como a Psicologia científica são filhas de um mesmo momento histórico, que corresponde à ascensão da burguesia no mundo ocidental, com seus projetos e interesses. Então, é possível, estudando a História, saber por que os princípios da Pedagogia Nova são como são, que homens está querendo formar e tendo em vista quais interesses. Não se pode, no entanto, transpor diretamente o contexto do século XIX europeu para o começo do século XX brasileiro. A história da Psicologia no Brasil é diferente da história da Psicologia nos Estados Unidos e na Europa. É preciso voltar-se para a Primeira República brasileira, momento em que em que a Escola Nova e a Psicologia chegam com força nos laboratórios de Psicologia e de Pedagogia Experimental, e verificar a maneira como os brasileiros se apropriaram delas no registro das condições econômicas, sociais e políticas daquele momento. Então, para entender como se constitui a Psicologia que está vigorando hoje é preciso ir para trás e ver o momento da sua constituição, mas não na Europa. É preciso deter-se na realidade da Primeira República no Brasil, um momento extremamente truculento no qual afloram conflitos de classe no contexto urbano. Isso tem repercussões sim sobre a constituição da Psicologia, porque a palavra de ordem tanto dos psicólogos quanto dos pedagogos brasileiros daquele momento foram duas: como levar este povo a ser disciplinado, a obedecer, e como levar este povo a hábitos de trabalho de acordo com as características do trabalhador requeridas naquele momento de industrialização. Autores como Fernando de Aze-



Souza Patto: "Lidar com a pessoa inteira, na tarefa de intensificar o pensamento verdadeiro, sempre crítico."

gos sobre a natureza dos aprendizes para que sejam bem sucedidos no objetivo de produzir esse homem necessário ao sistema e aos interesses de uma classe. Esta é uma visão da Psicologia do Desenvolvimento que surpreende, porque normalmente se diz que ela vem para entender e respeitar a criança em seus estágios de desenvolvimento. Na época, o sonho é taylorizar a escola. Todos os escola-novistas falam da importância de *taylorizar* o trabalho pedagógico, eliminando o erro, elevando a eficiência do processo à última potência. A Psicologia, naquele momento, estuda as crianças como o técnico na fábrica estuda a matéria-prima, para garantir a produtividade e impedir que a máquina emperre. Esquadrinhava o psiquismo das crianças até o limite do absurdo, com o objetivo de possibilitar o máximo de controle. Então, para mim, fazer crítica é esta busca histórica da origem sócio-política do conhecimento.

**Adriana** - A respeito do seu livro "A Produção do Fracasso Escolar", fiquei curiosa em saber como ele tem sido recebido em seu percurso, de 90 para cá, pela população, faculdades, editoras...

**Souza Patto** - Fiquei dois anos dentro de uma escola pública, fazendo esta pesquisa. Não pretendia inicialmente fazer nada disso que está no livro. Pretendia ser mais esquemática, buscar provas, no miúdo da vida escolar, de que a escola é um aparelho ideológico do Estado. Portanto, era uma tese nada dialética. Mas cheguei lá e fui atropelada pela realidade. De fato, este livro pôde mostrar a realidade escolar de um modo diferente: revela a trama de vozes, de perspectivas, de desejos e de interesses que envolve educadores, crianças e famílias. No começo, o livro não teve grande penetração. Mas depois foi adotado em alguns cursos de Psicologia e Educação, e isto o ajudou a se consolidar. Algumas secretarias de Educação o adotaram em concursos para professores e técnicos de rede escolar. Esse livro já vendeu muito e, embora vá sair agora uma segunda edição, tenho a impressão de que já vendeu uns 50 mil exemplares. Meu livro abre uma perspectiva que não é confortável nem para os educadores, nem para os psicólogos. Reproduzo laudos de quatro crianças multirrepetentes que são absurdos, como aliás são todos os laudos, pois não as vêem como pessoas. Beiram à estereotipia vulgar, são plenos de lugares comuns. Portanto, este livro não foi só paixão e abertura de possibilidades; ele mobilizou também muita persecutoriedade entre os envolvidos na produção desta escola reprodutora de desigualdade social.

**Marilene** - Então, que contribuições você acha que uma Psicologia crítica poderia estar dando para a educação?

**Souza Patto** - A Psicologia precisa procurar outras formas de estar com as pessoas, tendo como objetivo ajudá-las, a colaborar com elas. Ajudá-las no quê? Ajudá-las a entender o mundo em que vivem e o lugar que nele ocupam. Ajudá-las a se conhecerem sim, mas não o autoconhecimento de um psiquismo considerado como uma caixa fechada sem relação com o mundo ou que teria relação, no máximo, com a família, ela também tomada como um "em si": "Porque o meu pai, porque a minha mãe..." O psicólogo pode ser um desencadeador de uma atividade individual ou grupal de intensificação do pensar. Evidentemente, estou falando de uma atividade reflexiva que envolve o psiquismo inteiro. É fundamental que, como psicólogos, estejamos atentos às fantasias, às angústias, às defesas mobilizadas nesse processo. E aqui, conhecer a Psicanálise surge como uma tarefa importante na formação de psicólogos. E conhecê-la implica também criticá-la, uma vez que ela é datada, como todas as teorias. É preciso fazer a crítica por exemplo do "princípio de realidade" e ficar atento ao que a Psicanálise contém de convite ao conformismo. Mas Freud produziu um conhecimento a respeito da dinâmica psíquica em sua relação com a cultura que não pode se jogar fora. No âmbito da saúde, trabalhar com o sofrimento mental das pessoas tendo em vista ajudá-las a entender o que, no mundo em que vivem, causa esse sofrimento não é meramente adaptar a uma realidade inquestionada. Pensamento não é o que comparece nos testes de QI. Aquilo é simulacro de pensamento, é pseudopensamento, é estereotipia e heteronomia tomadas como reflexão... Lida-se com a pessoa inteira na tarefa de intensificar o pensamento verdadeiro, sempre crítico. ●

### Projeto Diálogos entrevista Sílvia Lane

O Projeto Diálogos objetiva divulgar e preservar a trajetória de profissionais com trabalhos de relevo na área da saúde mental. O próximo convidado será Sílvia T.M. Lane, professora titular do Departamento de Psicologia da PUC-SP, trabalhando no Programa Pós-Graduado de Psicologia Social da mesma Universidade. Sílvia desenvolve seu trabalho na área de Psicologia Social, tendo publicado entre outros os livros "O Que É Psicologia?", "Psicologia Social: O Homem em Movimento" e "Novas Veredas em Psicologia Social". A entrevista, aberta ao público, acontecerá dia 13 de junho, às 20h00, no auditório do CRP SP. Vagas limitadas a 130 lugares, reservas na Secretaria do Conselho (11) 3061 9494. Participe!

“Meu livro abre uma perspectiva que não é confortável (...) Reproduzo laudos de quatro crianças multirrepetentes que são absurdos, como aliás são todos os laudos, pois não as vêem como pessoas.”

vedo e Lourenço Filho empenham-se numa campanha educacional de moralização e de disciplinamento para o trabalho, porque têm o fantasma do caos urbano trazido pelos movimentos sociais: a grande greve de 1917, as ideologias da esquerda revolucionária que chegam na bagagem dos imigrantes... Trata-se de uma Psicologia que tenta informar ao máximo os pedago-



# Especializações em psicologia: uma questão polêmica

Desde o início do ano passado, os Conselhos de Psicologia de todo o Brasil vêm debatendo a criação de especializações, cuja regulamentação é uma atribuição específica dos conselhos profissionais. Nacionalmente, a definição de uma política sobre a questão vem sendo encaminhada pela Assembleia de Políticas Administrativas e Financeiras do Sistema CFP/CRPs, Apaf. Regionalmente, cada Conselho constituiu já desde o ano passado um Grupo de Trabalho incumbido de coordenar as discussões locais. Em 20 de outubro, foi realizado um debate na sede do CRP SP tendo como meta abrir a discussão sobre o tema. O evento contou com a participação de diversas instituições ligadas à formação profissional, entre elas a Fundap, Cogea-Puc SP, Sedes Sapientiae, Divisão de Psicologia do HC-FMUSP e foi bastante polêmico.

Em dezembro, durante reunião ocorrida em Brasília, a Apaf decidiu pela criação de registros para especialistas. Na mesma assembleia, ficou decidido também que o assunto, pela sua complexidade, deveria voltar a ser debatido com a categoria para que cada região pudesse elaborar, com res-

paldo, uma proposta de minuta de “resolução”, determinando as condições em que as especializações devem ser estabelecidas. O aprovação do texto final da resolução pela Apaf está prevista para dezembro próximo. Predomina nacionalmente uma tendência pela aprovação das especializações.

Em São Paulo, existem posições divergentes sobre a questão: há grupos favoráveis à especialização e os outros que ainda consideram necessário um maior aprofundamento sobre o tema. Neste momento, o Grupo de Trabalho do CRP SP está organizando uma série de eventos a serem realizados durante este ano, ao final dos quais São Paulo tomará uma posição final a ser levada à Apaf. A seguir, fazemos um balanço dos prós e contras nessa polêmica, reunindo as principais idéias coletadas durante os debates já promovidos pelo CRP SP. Confira e traga sua contribuição para que, juntos, possamos responder às questões: de que forma a criação do registro de especialista pode alterar a formação e o exercício profissional do psicólogo? Trará mudanças no mercado de trabalho? •

## Prós

## As especialidades decorrem da evolução da psicologia

**Argumentos** - No último recadastramento realizado pelo CRP SP, em 1994, mais de 80% dos psicólogos afirmou possuir alguma especialidade. Ao registrar o especialista os Conselhos somente estarão confirmando uma realidade. Portanto, regulamentar o que já existe é propiciar um ordenamento que, longe de ser burocrático e de controle, incentiva um aprimoramento profissional de qualidade, fomentando o avanço teórico e fortalecendo o reconhecimento social da profissão, num movimento de resistência à política neoliberal em nosso país. As especialidades nascem a partir das necessidades práticas vividas pelos psicólogos ao se inserirem

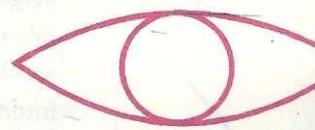
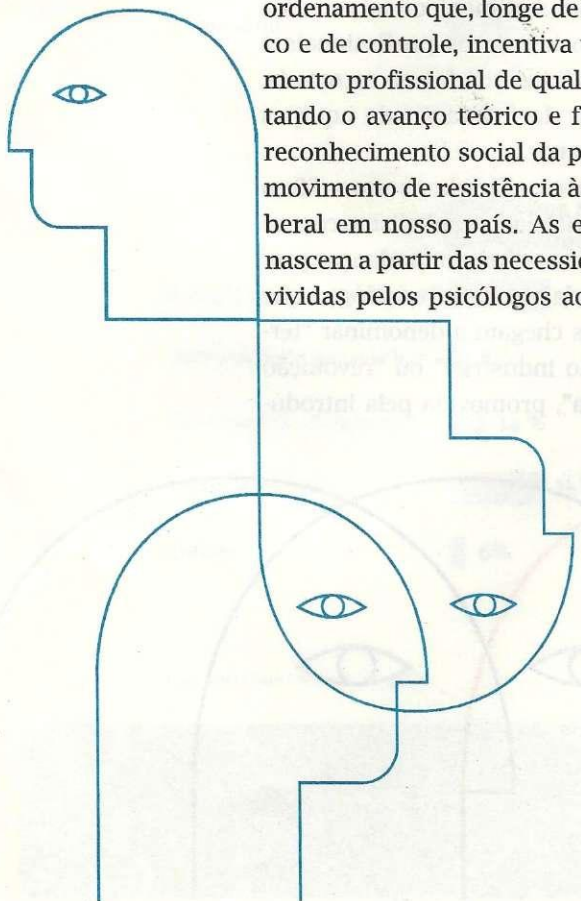
em novas áreas de atuação. São respostas aos desafios que diferentes demandas criaram à Psicologia. Hoje, apenas a graduação não garante uma formação de qualidade. Por melhor que seja o caráter “generalista” dos cursos, eles não garantem que o profissional se aproprie da maior parte do saber produzido pela Psicologia. Já se tornou rotina para o psicólogo continuar os estudos após a formatura. Isto não se dá somente em função da necessidade de criar demanda de clientes por parte das instituições formadoras, mas porque a ciência psicológica requer um constante aprofundamento.

A especialidade é, portanto, uma decorrência do próprio desenvolvimento da Psicologia em suas diferentes áreas de inserção, tais como hospitais, presídios, creches, fóruns etc. A Psicologia não pode hoje ser vista como uma prática limitada ao consultório, aos recursos humanos e à escola. Sua entrada em setores distintos produz modificações nessas áreas, assim como no saber psicológico. Se desconsiderarmos, estas novas realidades corremos o risco de reproduzir práticas tradicionais que não se adaptam às novas demandas.

É fundamental que essas práticas sejam sistematizadas, com vistas à produção de conhecimentos científicos. A criação do registro pode favorecer que profissionais com atuação numa mesma área se unam, reflitam, pesquisem e aprofundem conhecimentos que representem avanços tanto teóricos como práticos para a Psicologia.

Neste momento, as questões que devem ser colocadas são: a Psicologia já possui um acúmulo de conhecimentos suficiente para dizermos que existem especialidades? Formalizar o título de especialista é o melhor caminho para a ciência psicológica acumular conhecimentos? A criação de tantos cursos de extensão, de especializações e pós-graduação nos indica que essa necessidade existe e que o profissional a procura.

Em relação à formação, a existência do registro do especialista pode ser vista como positiva, uma vez que aponta ao recém-formado que a Psicologia é um saber que exige estudo e aperfeiçoamento contínuo. Ao indicar a necessidade de aperfeiçoamento permanente, favorece o usuário de Psicologia, que contará com profissionais mais qualificados. Para o desen-





volvimento da Psicologia como ciência e profissão, a especialidade significa apenas a ratificação de um caminho que as instituições científicas já tomaram.

**Fundamentos** - O cerne da política neoliberal está no apoio ao Estado Mínimo e na desregulamentação das relações sociais. É contra essa política que devemos nos posicionar, resistindo ao processo de exclusão social que ela carrega. A regulamentação das especialidades deve ser vista como estratégia de resistência e uma resposta à política neoliberal desregulamentadora. Como órgão construtor de políticas regulamentadoras para o exercício profissional, os Conselhos de Psicologia brasileiros devem apresentar sua contribuição com uma demarcação legítima que, certamente, vai promover uma melhoria na formação dos psicólogos, caminhando na direção de uma profissão comprometida com as necessidades da maioria da população.

A regulamentação das especialidades está diretamente relacionada ao exercício profissional e refere-se a um aprofundamento técnico e científico voltado para a prática profissional. A necessidade de aprofundamento exclusivamente teórico está contemplada através dos cursos de mestrado e doutorado. Ao regulamentar as especialidades, os Conselhos estarão interferindo no mercado de forma positiva, estabelecendo critérios capazes de atender à melhor qualificação do profissional, garantindo um atendimento de maior qualidade à população. O CRP SP, ao

criar o registro de Especialista, cumpre a função de ser uma referência para a categoria e a sociedade, desenvolvendo ações que objetivam cuidar para que a Psicologia exerça sua relevante função social. Por exemplo, estabelecendo que a formação do especialista não seja exclusividade das universidades, na medida em que outras instituições já vêm tendo esse papel formador. A discussão sobre os critérios não pode ser apressada e pouco profunda.

No que diz respeito às exigências para se proceder aos registros, devem ser considerados, por exemplo, pontos como tempo atuação na área, número de horas de curso e a obrigatoriedade de os cursos serem teóricos/práticos, terem supervisão, possuírem disciplina de ética etc. Também é importante que a criação do registro de especialista venha combinada com outras medidas de intervenção na formação, como a avaliação e o controle da qualidade dos cursos, através do MEC e da Abep (Associação Brasileira de Ensino de Psicologia). Outra sugestão é que a responsabilidade pela aplicação de provas para os psicólogos que queiram obter registros de especialistas seja reservada a entidades nacionais que venham a ser criadas nas áreas específicas das especializações. A regulamentação das especialidades poderá contribuir em muito para uma maior aproximação entre a formação do profissional e as necessidades do mercado da Psicologia e da sociedade civil.

**Alternativas para regulamentar** - Em relação ao critério geral para o reconheci-

mento e registro das especialidades, várias alternativas de recorte têm sido sugeridas ao longo das discussões. São elas: por campo de atuação profissional, partindo do Catálogo Brasileiro de Ocupações (Psicologia do Trabalho, Educacional, Clínica, do Trânsito, Jurídica, do Esporte etc.); por abordagem teórica (gestalt, fenomenologia, psicodrama etc.), por tipo de atividades profissional (psicoterapia, a psicopedagogia, psicomotricidade, orientação profissional etc.), por tipo de clientela atendida (como Psicologia infantil, da terceira idade, da família, para os portadores de deficiência etc).

Contudo, considerou-se também durante os debates que o conhecimento acumulado nessas novas áreas é proveniente da prática, de forma que o aprofundamento em teorias psicológicas não poderia responder diretamente às demandas colocadas à especialização. Dentro desse enfoque, os registros deveriam ser feitos por campo de atuação profissional, cabendo aos Conselhos definir quais áreas já possuem acúmulo de conhecimento suficiente para tanto, partindo preferencialmente das ocupações propostas no CBO.

#### Tarefas

Nesta etapa, os CRPs devem

- se posicionar sobre os critérios propostos;
- apontar as especialidades consensuais para uma proposta de Resolução;
- estabelecer as exigências para o reconhecimento das especializações. ●

#### Contras

## A psicologia não pode ter o mercado como destino

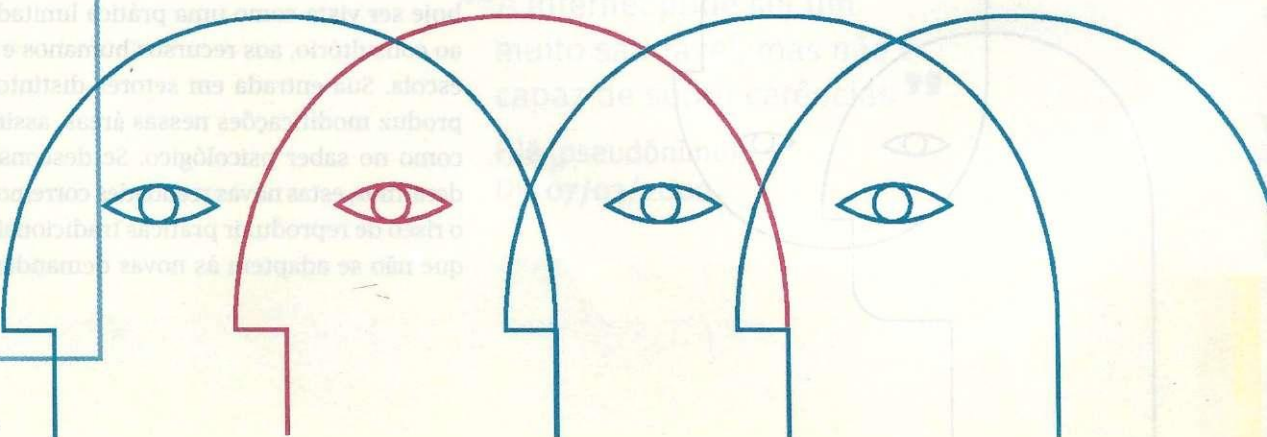
**Argumentos** - O diploma de graduação deve ser a única garantia de ingresso do profissional ao mercado de trabalho. As especialidades trariam como consequência um adiamento na formação do psicólogo em um ou dois anos, dificultando ainda mais a entrada do recém-formado no mercado e forçando-o a procurar novos cursos de qualificação. Diferentemente da medicina, a Psicologia trabalha com um objeto - a psique humana -, que não admite subdivisão e que não difere de uma área para outra. O fenômeno psicológico se expressa em toda sua multiplicidade em qualquer campo, seja organizacional, jurídico, escolar, esportivo ou outro. Desse modo, as especializações nada teriam a acrescentar à formação do profissional, interessando apenas às instituições formadoras, como uma forma de ampliação de mercado. As especializações reforçariam na categoria um comportamento alienado, que aponta o mercado como destino, burocratizando a relação do psicólogo com sua profissão e o transformando em mera mão-de-obra, classificada e avaliada pelo carimbo de sua qua-

lificação de "especialista". Criar-se-iam duas categorias de psicólogos: a dos sem-especialidade e a dos com-especialidade. Além disso, como ocorre com outras categorias, as especializações levariam à formação de igrejinhas e à canonização de mestres em áreas específicas.

O atual caráter "generalista" da formação em Psicologia foi fator determinante, nas últimas décadas, para a ampliação, qualificação e diversificação do campo de trabalho para a categoria. Dos consultórios, a Psicologia avançou para as áreas da saúde pública, ensino médio, judiciário etc. A formação generalista seria também responsável por uma Psicologia de olhar abrangente e comprometida com as questões sociais. Graças a ela, boa parte dos

psicólogos estaria hoje tendo atuação decisiva no combate à exclusão, pelo atendimento no serviço público da crianças, adolescentes e famílias vítimas de violência e maus tratos; em defesa dos portadores de deficiência, em movimentos importantes como o da Luta Antimanicomial etc. Já a especialização levaria os profissionais a observar a realidade de forma recortada, na contramão da formação de equipes multidisciplinares.

**Fundamentos** - Desde os anos 70, o mundo industrializado (capitalismo central e periférico) vem sofrendo mudanças profundas, frutos da revolução tecnológica que alguns autores chegam a denominar "terceira revolução industrial" ou "revolução da informática", promovida pela introdu-





ção do microchip na linha de produção. O resultado é uma alteração radical no sistema produtivo e na organização do trabalho, com a aplicação dos programas de qualidade total, o *downsizing*, a reengenharia e a terceirização, termos amplamente usados que têm um significado particular para o psicólogo. É ele, entre outros, um profissional que foi terceirizado pelas empresas e que, em seu consultório, recebe as vítimas do processo de resubjetivação imposto pelas mudanças no sistema.

O Brasil, sob a égide da política neoliberal implementada pelo governo Fernando Henrique Cardoso, mantém-se submisso ao programa conhecido como "Consenso de Washington" e às ordens do FMI. Na for-

mação em Psicologia, essa política pode ser sentida com o debate envolvendo as novas diretrizes curriculares. Supostamente, as especializações viriam em prol do aumento do nível de empregabilidade do psicólogo. Na verdade, esta visão representa apenas uma resposta imediatista às restrições do mercado de trabalho. Se por um lado as especialidades poderiam representar uma saída na disputa pelas poucas vagas e oportunidades existentes, por outro, também representa uma luta fratricida. Profissões que têm exigido níveis de especialização cada vez maiores, como é o caso dos administradores de empresas, sofrem agora com o grande contingente de especialistas desempregados. Por outro lado, a especialização

viria em contradição com as exigências do próprio mercado de ter um profissional flexível e polivalente. O mundo moderno da produção, na verdade, não necessita de especialistas. A política neoliberal vai passar, mas as mudanças no campo da produção vieram para ficar.

**Alternativas para não regulamentar**  
- Atuar junto às instituições formadoras, e não junto ao profissional, indicando critérios mínimos que levem à melhoria da qualidade dos cursos de especialização. Aprofundar o debate sobre a criação de especialidades, evitando qualquer tipo de decisão sobre o assunto para o IV Congresso Nacional de Psicologia, a ser realizado em 2001. ●

#### Debates no interior

Assis (18) 322-6224, e-mail [assis@crpsp.org.br](mailto:assis@crpsp.org.br)

Bauru (14) 223-6020, e-mail [bauru@crpsp.org.br](mailto:bauru@crpsp.org.br)

Campinas (19) 243-7877, e-mail [campinas@crpsp.org.br](mailto:campinas@crpsp.org.br)

Grande ABC (11) 444-4000, e-mail [crpsta@zaz.com.br](mailto:crpsta@zaz.com.br)

Ribeirão Preto (16) 620-1377, e-mail [ribeirao@crpsp.org.br](mailto:ribeirao@crpsp.org.br)

Santos (13) 235-2324, e-mail [crpsto@zaz.com.br](mailto:crpsto@zaz.com.br)

São J. do Rio Preto evento dia 15/06, (17) 235-2883, e-mail [crpsjrp@zaz.com.br](mailto:crpsjrp@zaz.com.br)

Vale do Paraíba/Lit. Norte evento dia 28/06, Univ. de Taubaté (12) 232.9357, e-mail [taubate@crpsp.org.br](mailto:taubate@crpsp.org.br)

#### Debates na Capital

03|06 das 9h00 às 13h00, Comissões de Educação e Formação

28|06 20h00, Comissão de Recursos Humanos

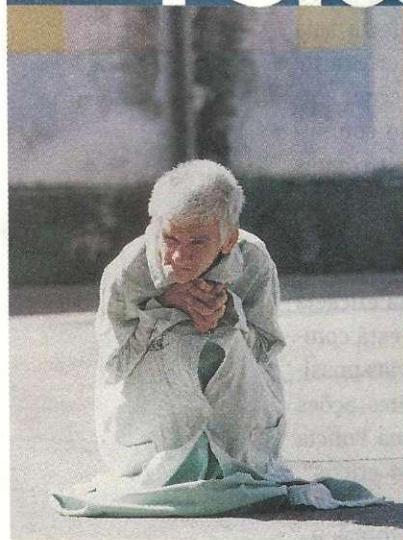
01|07 das 9h30 às 13h00, Comissão de Saúde

12|08 Fórum Regional Especialidades na Psicologia

Estarão ainda realizando eventos as Comissões de Direitos Humanos, Avaliação Psicológica, Justiça, Psicologia do Esporte, Criança, Adolescente e Família. Os eventos terão lugar no Auditório do Conselho; informações e reservas na Secretaria, tels. (11) 3061 9494, fax (11) 3061 0306

## 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia

# Psicologia e Compromisso Social



**Centro de Convenções Anhembi**  
Av. Olavo Fontoura, 1.209,  
Parque Anhembi, São Paulo, SP



**Disque Mostra**  
0800 121106

Os Conselhos de Psicologia realizarão em outubro a 1ª **Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**, tendo como tema "Psicologia e Compromisso Social". O evento objetiva criar um espaço para troca de experiências e divulgação de trabalhos profissionais desenvolvidos por psicólogos comprometidos com questões sociais: experiências em serviços públicos, trabalhos junto a ONGS, estágios de estudantes em cursos de Psicologia, serviços prestados por universidades, cursos à população em geral, experiências em empresas privadas, em comunidades e grupos específicos, enfim, toda a riqueza da Psicologia como profissão. Os trabalhos poderão ser apresentados em formatos diversos, tais como vídeos, filmes, pôsteres, fotos, shows de slides, peças teatrais, shows musicais e outros.

#### Inscrições até 30 de junho: veja como proceder

Podem se inscrever gratuitamente psicólogos e estudantes de Psicologia de todo o país. Para isso, basta preencher e encaminhar a ficha de inscrição para a sede ou subsele do CRP de sua região. Para obtê-la, abra o site do CRP SP ([www.crpsp.org.br](http://www.crpsp.org.br)), ou destaque-a do folheto distribuído juntamente com a revista *Psicologia, Ciência e Profissão*, ou ainda, informe-se na Secretaria do Conselho. Se você deseja apresentar trabalho, envie juntamente com a ficha um disquete (ou por e-mail) com um resumo do mesmo, contendo no máximo 500 palavras, em fonte Arial, corpo 12. Os trabalhos inscritos serão apreciados por uma comissão que definirá quais serão incluídos na Mostra. Apenas os interessados em receber certificado de participação e CD-ROM com o resumo dos trabalhos apresentados na 1ª Mostra devem anexar à ficha de inscrição comprovante de pagamento da taxa de R\$ 10,00, que deverá ser depositada no Banco do Brasil S.A., agência 1815-5, c/c 1000-6, Conselho Regional de Psicologia SP. Participe!

## De 5 a 7 de outubro, o maior evento da psicologia brasileira



# Resolução restringe psicoterapia

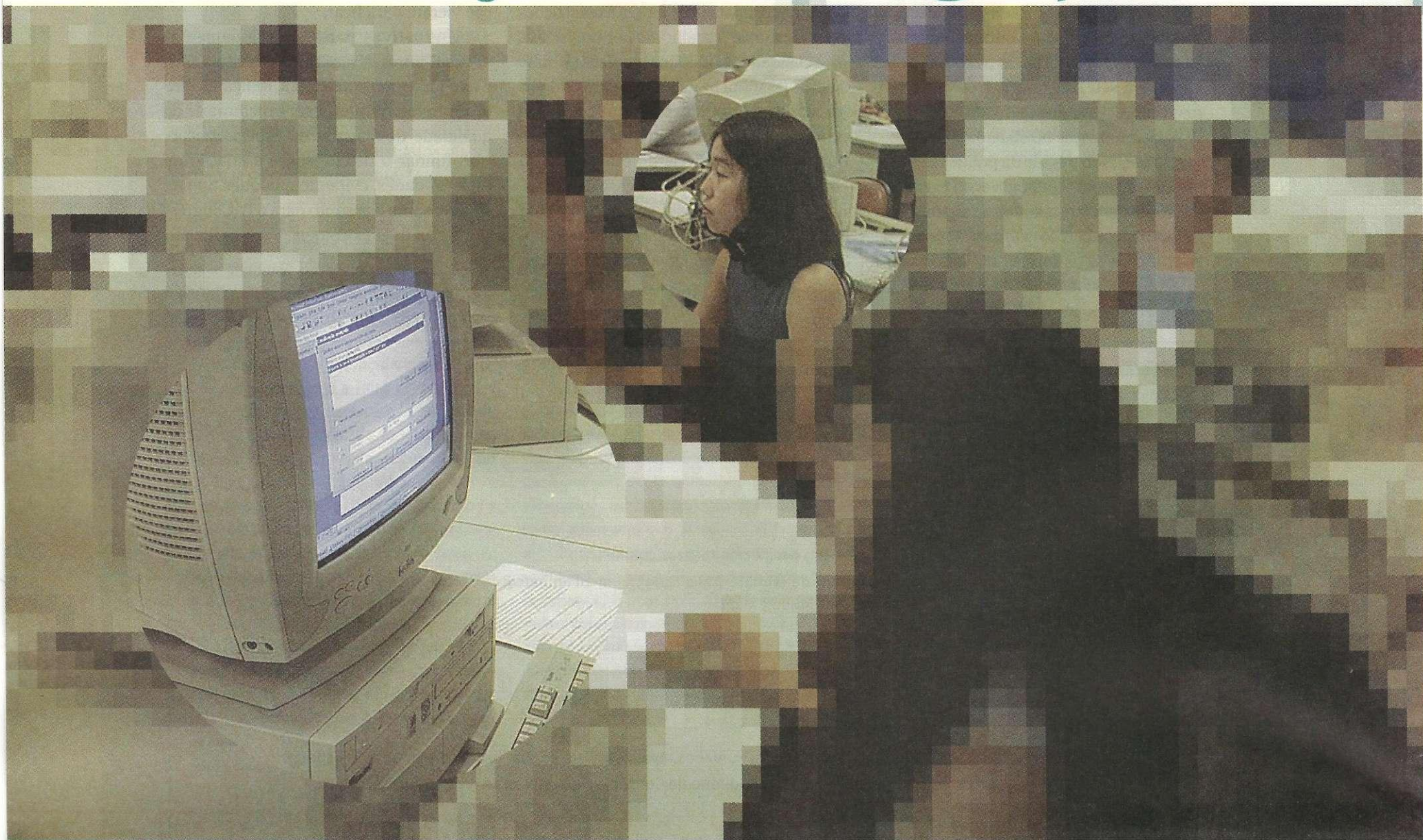


foto | Folha Imagem/ Jorge Araújo

O crescimento vertiginoso da informática nas últimas décadas tem afetado o ser humano de forma indiscutível. É provável que nenhuma outra revolução tecnológica tenha provocado tantas mudanças comportamentais como a que vivemos atualmente. Esse impacto tem, evidentemente, conseqüências diretas para a Psicologia. São já inúmeras as áreas em que informática e Psicologia se cruzam (leia quadro na pág. 13). Uma das pioneiras dedica-se à criação de programas de inteligência artificial que simulam modelos (processos) mentais. Mais recentemente, surgiram áreas específicas de estudos sobre as psicopatologias causadas pelo uso do computador, sobre reabilitação cognitiva mediada pelo computador, além da informatização das clínicas e dos testes psicológicos - para citar alguns exemplos.

Nesse amplo universo de pesquisas que envolve a relação humano-computador, um ambiente de inovações rápidas e permanentes, uma área em especial tem atraído atenção e provocado polêmicas: a da psicoterapia em meio virtual, ou seja, pela Internet. Explica-se: a popularização da rede de computadores no decorrer dos anos 90 motivou o surgimento dessa nova alternativa para o atendimento psicoterapêutico. Ela começou a ser praticada nos EUA e Europa e, aos poucos, foi também ganhando adeptos no Brasil. Há cerca de dois anos, havia mais de vinte sites no ar oferecendo serviços psicoterápicos através da Internet, e cobrando por eles. O fato preocupou os Conselhos de Psicolo-

gia, por se tratar de uma prática ainda sem fundamentação teórica e técnica. Em fins de 1998, o Conselho Federal de Psicologia realizou em São Paulo o 1º Psicoinfo - Seminário Nacional de Psicologia e Informática -, quando pela primeira vez o tema foi abordado com maior profundidade, mobilizando a formação de grupos de trabalho nos Conselhos Regionais e no CFP.

Logo no início de 1999, foi organizado no Regional paulista o Grupo de Trabalho Psicologia e Informática, que acabou recebendo do CFP a incumbência de elaborar uma minuta de resolução regulamentando o atendimento psicoterápico mediado pelo computador. Essa minuta vem sendo discutida nacionalmente desde fevereiro e, em breve, deverá entrar em vigor. "O CFP tem uma posição avançada no que diz respeito à necessidade de os psicólogos assimilarem novas tecnologias em seus trabalhos. Mas isso não significa incorporar novidades de qualquer jeito e a qualquer custo; é preciso garantir que os trabalhos sejam prestados em condições de eficiência e de segurança para o consumidor. Isso vale para os trabalhos em geral envolvendo Psicologia e informática, seja informatização dos testes psicológicos, atendimento psicoterapêutico ou outros", avalia Marcus Vinício de Oliveira Silva, conselheiro do CFP.

A proposta da minuta de resolução sobre o "atendimento psicológico mediado pelo computador", que inclui a psicoterapia pela Internet, não é proibir esta prática, mas ad-

miti-la desde que para fins de pesquisa, sob a forma experimental. "Toda incorporação de nova tecnologia pressupõe pesquisa", explica Marcus. "O atendimento psicoterapêutico pela Internet é ainda uma promessa que não se sabe se poderá ser cumprida. O CFP busca se certificar de que esta oferta seja feita somente quando tivermos certeza de suas potencialidades e de seus riscos. Portanto, a psicoterapia mediada pelo computador não pode ser comercializada. A comercialização infringe não apenas o Código de Ética profissional, mas também o Código do Consumidor, que diz que não se pode vender um produto que não tenha sua eficácia comprovada. Por tudo isso, o CFP está combatendo essa prática por todas as vias possíveis, seja com cartas de alerta aos sites, ações no Ministério Público, denúncias na Polícia Federal ou abertura de processos éticos", acrescenta.

O Brasil tem hoje cerca de 7 milhões de internautas, segundo dados do Ibope. Estima-se que haja ainda cinco sites de Psicologia cobrando por serviços de psicoterapia pela Internet. A polêmica que envolve a questão encontrou mais um fórum de debates no "Simpósio Psicologia e Informática, ano 2000", realizado entre os dias 7 e 9 de abril pelo Grupo de Trabalho Psicologia e Informática do CRP SP. "O assunto é novo e isso dificulta muito o avanço dos debates; tanto é que nem existe ainda a matéria Psicologia e informática nos currículos das faculdades, apesar do conhecimento já acumulado na



# psicologia pela Internet a pesquisas

área. Nossa proposta de resolução para o CFP considera essa necessidade de fundamentação e ainda que se trata de uma atividade interdisciplinar”, afirma Elísa Sayeg, coordenadora do Grupo.

Um dos profissionais que continuam comercializando seu trabalho pela Internet, apesar das restrições criadas pelo CFP, é a psicóloga paulista Márcia Homem de Mello, atualmente radicada em Recife. “Faço atendimento *on line* desde o início de 99. Fiz uma pesquisa por alto para saber por que as pessoas acessavam a Internet e resolvi começar a fazer o atendimento. Estou tendo um retorno muito positivo, seguindo a linha do psicodrama. Faço atendimento individual, com uma hora de duração, dentro da possibilidade do cliente. O horário mais procurado é o noturno, das 9 às 11 horas, em maioria por homens. Existe muitas pessoas a quem não seria possível atender sem a Internet”. Márcia é contrária à regulamentação do CFP e afirma que a única diferença da psicoterapia *on line* é que nela não se pode ver o cliente. “Não tenho a leitura corporal, mas tenho toda uma leitura escrita e é impressionante como os clientes se descrevem. Dizem: estou chorando, estou rindo, rá, rá, rá, fiquei tenso... Quando as pessoas começam uma frase, já percebo como ela vai terminar. É como se estivéssemos num consultório. Imprevistos acontecem: assim como pode cair a conexão, a luz também pode faltar no consultório”, argumenta. As cobranças são feitas por depósito bancário e uma sessão sai pela metade do preço da convencional porque, segundo a psicóloga, as despesas são menores.

Um argumento freqüentemente usado pelos profissionais que defendem a liberação imediata da psicoterapia *on line* no Brasil é o fato de nos Estados Unidos e em vários países da Europa ela seguir apenas as regras do mercado, pelas quais se o cliente topa pagar, o problema com os resultados é dele. Não é bem assim, segundo a psicóloga Luciana Nunes, mestre em Saúde Mental pela Southeastern University da Flórida e pesquisadora de antropologia no universo virtual. “Nos EUA, para tudo há muito critério. Há de fato muitos profissionais oferecendo psi-

coterapia *on line*; basta entrar nos sites de busca para encontrar inúmeros deles. Mas todos cuidam logo de comprovar que são associados ao Mental Health Counseling on Line, instituição por sua vez filiada à APA - American Psychiatric Association -, que oferece respaldo legal e ético ao profissional. Assim, o cliente pode facilmente distinguir um profissional sério de um aventureiro”, ela distingue.

Além disso, a própria APA divulgou um documento - que seus associados são obrigados a divulgar aos clientes - no qual informa que se trata de um serviço de caráter experimental.

Para Luciana, o psicólogo brasileiro que quer trabalhar na área deve continuar pesquisando, sem perder seu vínculo com a entidade profissional que lhe oferece respaldo, no caso o Conselho Profissional. “A Internet está aí, ninguém mais vai desplugar. É tudo uma questão de tempo e paciência. Há muitos casos em que a psicoterapia por meio virtual pode ser de ajuda, como para internautas fluentes, pessoas fisicamente debilitadas ou, por exemplo, um transsexual que viva numa pequena cidade do interior onde não encontre apoio especializado”, alega. Quanto às restrições colocadas pelo veículo, hoje limitado à comunicação escrita, Luciana pondera que “se o olhar fosse imprescindível, os psicanalistas não colocariam seus pacientes em divãs, colocando-se atrás deles”. Para ela, um terapeuta treinado, “que conheça bem a dinâmica da cultura virtual, que é muito mais explícita, pode desenvolver técnicas propícias ao ambiente”.

Qualquer pessoa que navegue pela Internet entende o que Luciana quer dizer. Nas salas de bate-papo, as fantasias correm soltas: “Se alguns colocam a Internet como limitada, eu a vejo como um universo grande para análise”. Pelo site Psicoinfo, Luciana oferece serviços gratuitos de orientação por e-mail, um tipo de atendimento de caráter pontual, para o qual não há restrições, que também é realizado pelos sites do Mix Brasil (para o público GLS) e pelo S.O.Sex, do Instituto Kaplan. “Nossa orientação sexual por e-mail atende a todo o Brasil, foi fundada em outubro de 1998 e não tem custo para o usu-

ário. É um trabalho voluntário, nossos orientadores são todos psicólogos com preparo em sexualidade, em Internet e em redação de texto”, informa Maurício Torselli, coordenador do serviço. “Esclarecemos dúvidas diretamente e não deixamos que se crie um vínculo que possa se tornar terapêutico”, define.

A mesma postura é adotada por Júlio Nascimento, psicólogo do site Mix Brasil e membro do Grupo de Trabalho do CRP SP. “Recebo os e-mails e procuro dar respostas objetivas, endereçando a reflexões. Se consigo desse modo ajudar, ótimo. Mas sempre que fica claro que as respostas transcendem à mera informação, indico à pessoa que procure um terapeuta”, conta. Para Júlio, a Resolução do CFP aponta para uma coisa clara: “No caso dos diversos métodos de psicoterapia hoje reconhecidos e praticados, como psicanálise, a gestalt terapia e outros, vamos sempre encontrar no Brasil a possibilidade de formação profissional com análise pessoal, supervisão e estudo teórico dentro desses métodos específicos de terapia. Contamos com diversas instituições já com anos de experiência formando terapeutas e com várias pessoas que pesquisaram e testaram essas modalidades teóricas. No caso da psicoterapia mediada pelo computador, não existe material científico suficiente que lhe dê suporte”.

As pesquisas de fato estão ainda muito embrionárias e não apenas aqui. “Fora do Brasil, o que encontrei foram alguns relatos de atendimento de profissionais envolvidos com Internet ou BBS e algumas pesquisas breves, nada muito grande ou aprofundado, material proveniente dos EUA, Europa e Israel”, comenta Oliver Zancul Prado, psicólogo que está iniciando suas pesquisas para uma tese de mestrado sobre o tema. “No Brasil, começamos agora a ter pesquisas na área. Um dos desafios agora é justamente estar fundamentando este tipo de trabalho. Considero que o atendimento *on line* pode vir a ser muito útil à psicoterapia e cada ponto crítico que identificamos hoje deve ser alvo de uma pesquisa. Precisamos estudar mais e isso vai contribuir para o reconhecimento da Psicologia na sociedade”. ●

Oliver Zancul Prado, Luciana Nunes e Júlio Nascimento (da esq. para dir.), psicólogos e pesquisadores na área de psicologia mediada pelo computador





# Falta de privacidade dificulta atendimento

A privacidade na Internet é uma questão primordial no debate em torno do atendimento psicológico *on-line*. Hoje, não existem provedores ou sites que garantam segurança suficiente para resguardar o sigilo na troca de informações entre os usuários ou, no caso, entre psicólogo e paciente. "Ainda bem que existe essa garotada que vive invadindo os sistemas, os chamados *hackers*, porque são eles que fazem com que se aprimorem os sistemas de segurança; eles apontam falhas", analisa o especialista na área Paulo Flávio Duque, gerente de tecnologia sênior.

O que fragiliza a privacidade nesses tipos de comunicação é a falta de segurança dos sistemas de conversação virtual atualmente existentes. Além disso, o conteúdo dos e-mails e o histórico das mensagens em chats ficam armazenados nos servidores e provedores de acesso, podendo ser lidos e divulgados pelas pessoas que trabalham nesses serviços. Estes arquivos estão também vulneráveis à ação de *hackers*. Existe já uma série de procedimentos que podem aumentar a segurança dos computadores. Por exemplo, ter um antivírus atualizado que evite a contaminação do equipamento por vírus e por cavalos-de-tróia (vírus que permitem que outras pessoas entrem em seu micro-com-

putador); programar seu *browser* de navegação (Navigator, Explorer etc.) para perguntar quando você deseja aceitar *cookies* (codificação de seu computador) das páginas visitadas pela Internet; trocar sistematicamente a senha de acesso ao provedor; usar criptografia, sistema de codificação que só permite a leitura de mensagens por pessoas habilitadas; criar assinaturas digitais para e-mails que personalizam as mensagens enviadas, através de códigos reconhecidos por um servidor específico (como um cartório eletrônico); não deixar o seu I.P. (número de identificação junto ao provedor) visível ao utilizar o ICQ.

Nada disso, porém, atende diretamente às necessidades da psicoterapia *on-line*. O fato é que até hoje nenhum programa de conversação foi desenvolvido considerando as necessidades desse trabalho. "Se pudermos ter equipes se dedicando ao desenvolvimento de *softwares* que atendam às necessidades da psicoterapia pela Internet, inclusive utilizando criptografia e outros recursos de segurança, a possibilidade de termos uma psicoterapia virtual se torna maior. Estaríamos desse modo evitando uma série de problemas que surgem nos programas que não foram criados para este fim", considera Elisa Sayeg, do CRP SP. ●

## Programas disponíveis para troca de mensagem pela Internet

- **Correio eletrônico:** o conhecido e-mail; ferramenta de maior uso para a troca de mensagens na Internet, atualmente.
- **ICQ e IRC:** sistemas similares para a troca de mensagens que possibilitam o diálogo por escrito entre duas ou mais pessoas. O parceiro do diálogo pode ser localizado através de um código (UIN).
- **ChatS:** salas públicas de bate-papo oferecidas por provedores de acesso.
- **MOOs e Avatares:** programas que permitem a troca de mensagens escritas entre pessoas ou grupos (como nos *chats*), além da representação gráfica dos interlocutores através de ícones ou imagens gráficas. Pouco disseminados no Brasil.

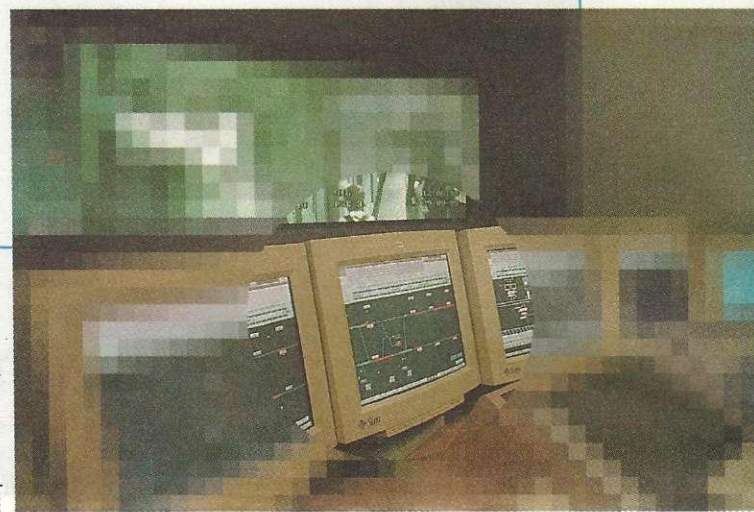


foto | Sebastião Moreira/AE

## A minuta da Resolução\*

Art. 1º: O atendimento psicológico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado no exercício profissional, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

- I - Faça parte de projeto de pesquisa, conforme critérios dispostos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la;
- II - Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;
- III - O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicológico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme Resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la;
- IV - O psicólogo pesquisador não receba, a qualquer título, honorários da população pesquisada, sendo também vedada qualquer forma de remuneração do usuário pesquisado;
- V - O usuário atendido na pesquisa dê seu consentimento e declare expressamente, em formulário em que conste o texto integral desta Resolução, ter conhecimento do caráter experimental do atendimento psicológico mediado pelo computador e dos riscos relativos à privacidade das comunicações inerentes ao meio utilizado;

- VI - Esteja garantido que o usuário possa a qualquer momento desistir de participar da pesquisa, retirando a autorização, impedindo que seus dados até então recolhidos sejam utilizados na pesquisa;
  - VII - Quando da publicação de resultados de pesquisa, seja mantido o sigilo sobre a identidade do usuário e evitados indícios que possam identificá-lo;
  - VIII - O psicólogo-pesquisador se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia disponibilizadas pelo CFP, no endereço: [www.psicologia-online.org.br](http://www.psicologia-online.org.br);
  - XIX - O psicólogo pesquisador deverá informar imediatamente, a todos os usuários envolvidos na pesquisa, toda e qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados;
- Art. 2º: O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicológico mediado pelo computador depende da ampla divulgação dos resultados derivados da experimentação e reconhecimento pela comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.
- Art. 3º: Os psicólogos, ao se pronunciarem sobre o atendimento psicológico mediado pelo computador, em pronunciamentos públicos de qualquer tipo, nos meios de comunicação de massa ou na Internet, devem explicitar a natureza experimental desse tipo de prática e devem explicitar que como tal não pode haver

- cobrança de honorários.
- Art. 4º: Essas disposições são válidas para todas as formas de atendimento psicológico mediado por computador realizado por psicólogo, independente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, psicanálise pela Internet, *psyberterapia*, *psyberpsicoterapia*, *psyberatendimento*, *cyberterapia*, *cyberpsicoterapia*, *cyberatendimento*, *e-terapia*, *webpsicoterapia*, *webpsicanálise* e outras já existentes ou que venham a ser inventadas. São também igualmente válidas quando a mediação computacional não é evidente, como o acesso à Internet por meio de televisão a cabo ou em aparelhos conjugados ou híbridos, bem como em outras formas possíveis de interação mediada por computador, que possam vir a ser implementadas.
- Art. 5º: Nada obsta à realização de orientação psicológica pontual, utilizando a comunicação mediada por computador, nos moldes já usuais em colunas ou programas de orientação psicológica ou orientação sexual comumente encontradas nos jornais, televisão etc. e em institutos de reconhecida utilidade pública, desde que não haja cobrança direta dos usuários do serviço.
- Art. 6º: Os psicólogos deverão incentivar o estudo da interação humana mediada por computadores nos cursos de Psicologia e nos fóruns de debate da categoria profissional. ●

\* Texto parcial (sem considerações iniciais) e ainda sem aprovação definitiva



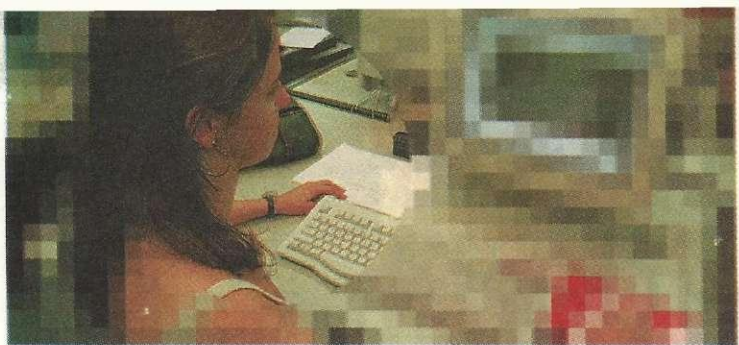
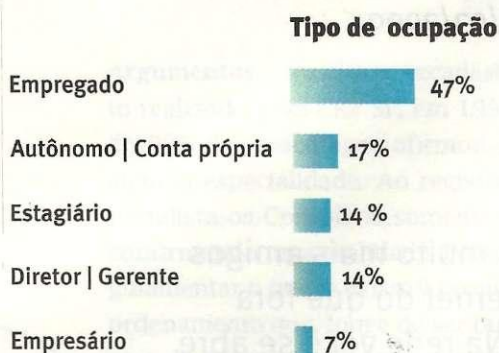
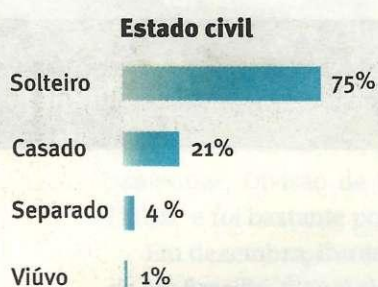


foto | Sergio Castro/AE

## Perfil do usuário da Internet/ Br



fonte: Cadê? / Ibope - base: 25.000 respostas

## Áreas em que a psicologia se cruza com a informática

### Interação humano-computador

Conceito amplo, abrange todos os estudos e práticas que envolvem a relação do ser humano com o computador, independentemente da linha de abordagem teórica (ciência cognitiva, behaviorismo, psicologia cognitiva, ergonomia, análise do discurso, teoria da atividade, sense-making, semiótica etc).

### Ciência cognitiva

A ciência cognitiva é uma área interdisciplinar, que abrange Psicologia, linguística, filosofia da mente, filosofia da linguagem, antropologia, e inteligência artificial. Ao utilizar a inteligência artificial, a Ciência Cognitiva se propõe a desenvolver programas capazes de simular processos cognitivos. A perspectiva mais radical considera que alguns desses programas executam fielmente processos cognitivos da mente humana, como a linguagem, a criatividade e até as neuroses. Desenvolve-se principalmente nos EUA, Inglaterra e França. Em São Paulo, temos o Grupo de Estudos de Ciência Cognitiva do Inst. de Estudos Avançados da USP e o Depto. de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, que desenvolve pesquisas aliando ciência cognitiva e semiótica. O Núcleo de Estudos de Conceitos, sediado na Faculdade de Educação da USP, desenvolveu uma crítica a alguns pressupostos da ciência cognitiva. A crítica foi publicada no livro "Investigações Cognitivas (ArtMed, 1999) e Da Ciência Cognitiva à Dialética" (<http://www.discurso.com.br/publicacoes/filosofia/abertura.htm>).

### Psicoterapia em meio virtual (pela Internet)

Implica o acompanhamento psicoterápico através de programas que permitem comunicação via Internet. Essa comunicação pode se dar *on-line*, em tempo real (sincrônica) através de programas como ICQ (sigla derivada da expressão "I Seek You", eu procuro você), de seu similar IRC e dos sistemas de *chats* usados nas salas de bate-papos dos sites mais conhecidos. Pode ser feita ainda através de programas para comunicação eventual (assíncronica), como os de correios eletrônicos (e-mail). Pela tecnologia mais disseminada atualmente, é feita através do texto escrito. Imagem e som diretos ainda não estão facilmente disponíveis via Internet. Devido à precariedade de fundamentação científica na área, só pode ser praticada no Brasil com a finalidade de pesquisa científica, sem custo para o analisado.

### Orientação psicológica pela Internet

Orientação sem caráter de psicoterapia. Pode utilizar qualquer um dos diversos sistemas de comunicação em meio virtual, particularmente o e-mail. Tem caráter pontual e é uma prática aceitável, pois não estabelece vínculo terapêutico. Oferecida pelos sites Mix Brasil (<http://www2.uol.com.br/mixbrasil/>), Instituto Kaplan ([www.kaplan.org.br](http://www.kaplan.org.br)) e outros.

### Reabilitação cognitiva mediada por computador

Emprego de *softwares* na reabilitação cognitiva de portadores de deficiências cognitivas ou comunicativas conseqüentes de paralisia cerebral, derrames ou outras causas. Trata-se de uma modalidade de atendimento psicológico que usa o computador e já é reconhecido, utilizado no Brasil por pesquisadores da USP.

### Programas terapêuticos

Área de pesquisa da ciência cognitiva voltada para o desenvolvimento de programas de inteligência artificial que pretendem atuar como "psicoterapeutas". Apesar de hoje atingirem uma certa complexidade, esses programas não têm eficácia comprovada e seu uso é questionado por muitos teóricos. Programas similares ao Eliza (o pioneiro) podem ser encontrados no site <http://www.toptown.com/hp/Sjlaven/>. Neste e em outros sites, podem ser encontrados programas que simulam psicoterapeutas como o Shrink (de Colby), Depression 2.0, e o Dr. Werner Wilhelm Webowitz.

### Ergonomia

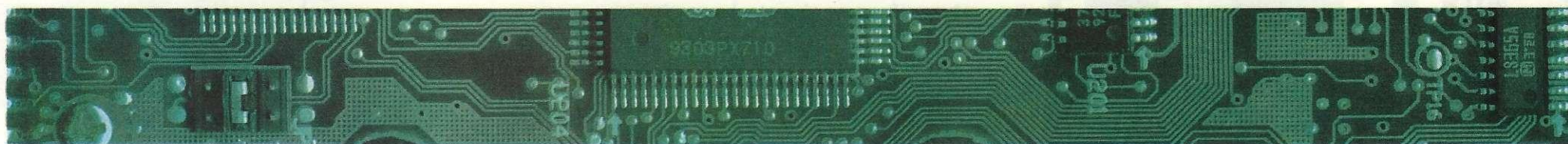
Pesquisa a adequação entre ser humano e máquina, inclusive computador, verificando, neste caso, como o uso do computador afeta a psique humana. Um exemplo é a pesquisa feita com digitadores que trabalham com bancos de dados, telemarketing e atividades similares: constatou-se que a memória de longo prazo desses profissionais fica prejudicada, pelo excesso de tarefas executadas que exigem apenas memória de curto prazo. A tarefa da ergonomia é procurar meios de contornar o problema, melhorando a relação entre ser humano e máquina, tornando-a mais confortável.

### Informatização de testes psicológicos

Vários testes psicológicos estão sendo informatizados, como o Palográfico, o PMK, o Rorschach, o QUATI e outros, com o objetivo de facilitar sua operacionalização.

### Informatização de clínicas

Em princípio, trata-se de uma informatização com fins meramente administrativos. Mas, através da informática, as clínicas psicológicas - particularmente as de universidades - estão se tornando excelentes fontes de dados sistematizados para pesquisas, oferecem históricos de tratamentos etc. Além disso, novas demandas surgem, como pedidos de apoio psicológico por email, que devem ser respondidas de forma adequada pelas clínicas, através de encaminhamento.





# (Des)encontros da vida virtual

Três crianças confinadas num quarto, uma casa toda desorganizada e fechada, onde os únicos sinais de vida vêm de um escritório. Esta não é a descrição de um roteiro de filme de suspense, mas o relato fiel do ambiente encontrado por um cidadão norte-americano de classe média ao voltar para casa em Cincinnati, meio-oeste dos EUA, depois de uma viagem prolongada. Sua mulher, Sandra Hacker, havia literalmente mergulhado no mundo virtual da Internet e esquecido da vida real. Os três filhos do casal, de 5, 3 e 2 anos, haviam sido trancafiados num quarto enquanto ela, fumando e se alimentando apenas de bolachas, surfava pela Internet ininterruptamente. O caso foi parar na mídia em 1997 e Sandra, considerada viciada em Internet, foi condenada a dois anos de prisão pelos maus-tratos às crianças.

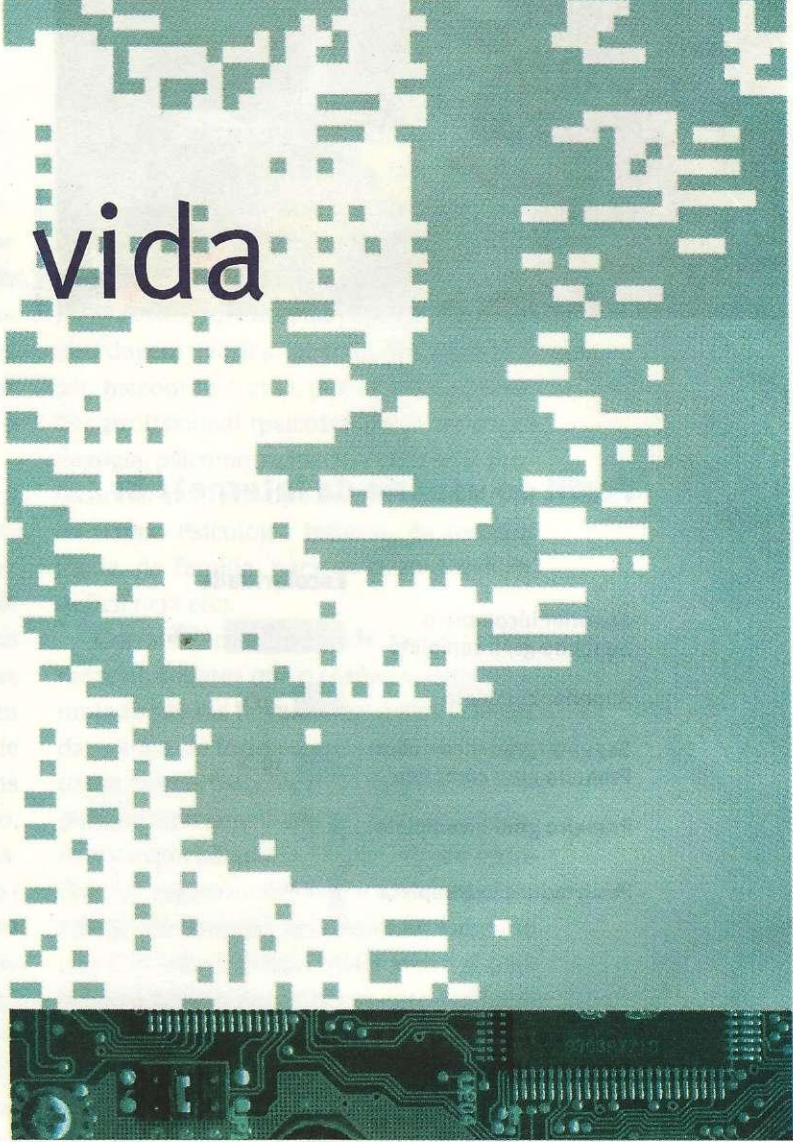
São cada vez mais freqüentes os casos de namoros e até casamentos realizados a partir de encontros em salas de bate-papo da Internet. Nelas, os tímidos ganham desenvoltura e fazem amizades, amenizando as dificuldades que envolve um contato inicial. A Internet está promovendo mudanças radicais no comportamento do homem moderno. Enquanto para Sandra Hacker, e provavelmente muitos outros, a Internet levou a extremos patológicos, para uma grande maioria parece ter melhorado e ampliado o universo de relações. Para a psicóloga Lucia-

na Nunes, pesquisadora da área, a maioria dos internautas consegue manter uma relação saudável com a Internet. Pelas pesquisas que realizou, apenas 5% desenvolvem sintomas de patologia. "Ocorre que os extremos chamam mais a atenção".

Essa problemática ganha nova intensidade quando se entra em contato com os números da Internet. Temos hoje no mundo mais de 196 milhões de usuários, dos quais um total de 7 milhões são brasileiros. Desse, 68% na faixa etária entre os 15 e 29 anos e 75% são solteiros. Num universo tão vasto e jovem, 5% é um dado preocupante. "O sucesso da Internet se dá pela interatividade, ou seja, o jogo entre estímulo e resposta. É a compulsividade de estar *on-line* e obter respostas imediatas, o que leva as pessoas a ficarem conectadas muitas vezes por dias seguidos. É como o vício por jogo", compara Luciana.

Outro aspecto que está mobilizando os debates em torno da Internet é a questão do isolamento social desenvolvido pelo indivíduo, quando em contato com as facilidades que a rede oferece. Pesquisas recentes realizadas no EUA pelo Stanford Institute dão conta de que 25% dos americanos adultos passam cinco horas por semana conectados e admitem sentir mal-estar por terem seu tempo com familiares e amigos reduzido. "O sujeito que passa horas na Internet obviamente terá menor convívio com as pessoas. Na época em que as famílias assistiam à televisão juntas, acontecia uma comunicação, apesar do estado de torpor que a TV induz. Com o computador, o uso é pessoal e em geral solitário", comenta o engenheiro Valdemar Setzer, professor titular do Depto. de Ciência da Computação da USP.

A Internet incorporou-se à rotina da classe média brasileira, proporcionando aos usuários grande comodidade pelo número de serviços que oferece e a possibilidade de uma fuga das pressões cotidianas, como o trânsito e a violência das grandes cidades. Em contrapartida, também representa alienação e desumanização, pela ausência de contatos reais entre as pessoas. Bancos *on-line*, livrarias virtuais, *chats* para todas as tribos - tudo está ao alcance do consumidor através de uma tecla. "O computador é uma máquina determinista e previsível; portanto, quem se isola num mundo virtual começa a sentir dificuldades com a imprevisibilidade do convívio social", complementa Setzer. Certamente deve haver por aí muito internauta que conhece gente de várias partes do mundo, mas não sabe quem é seu vizinho. ●



“Um dia, minha filha de 12 anos acordou para ir à escola e perguntou se eu já estava ali ou se ainda estava ali. Eu havia passado a madrugada na frente do computador. Percebi que algo estava errado”

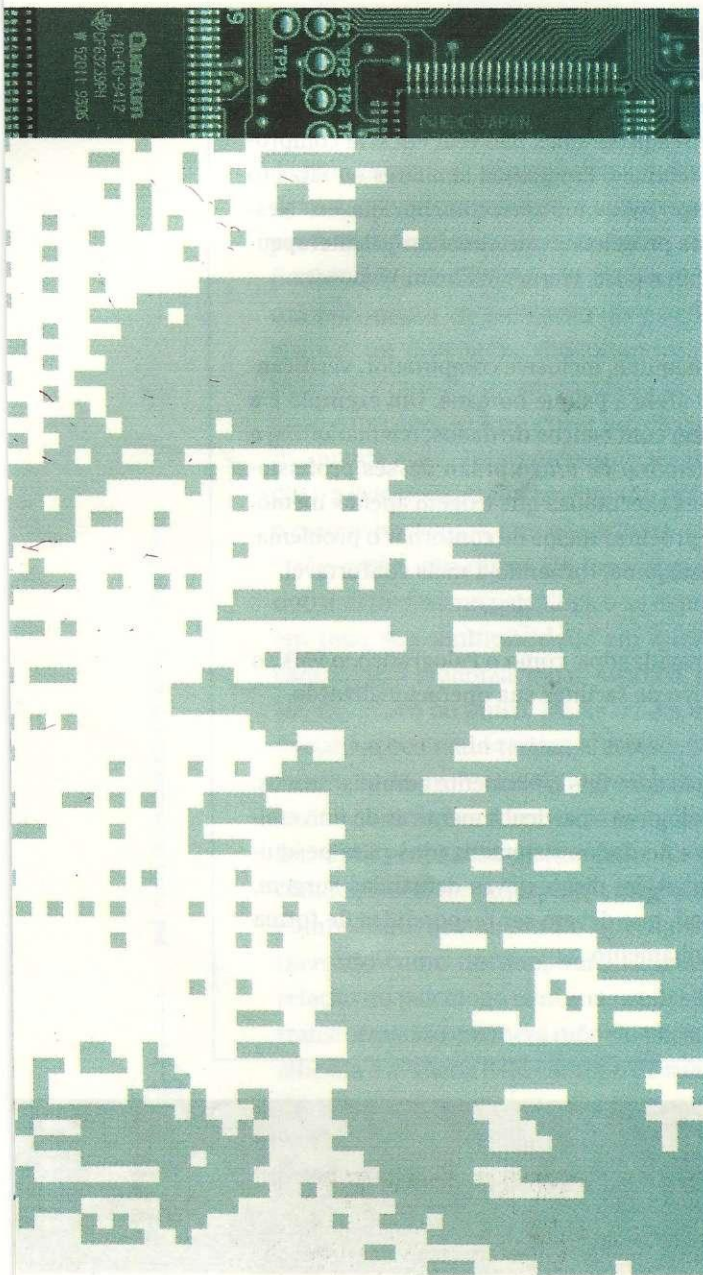
Antônia (pseudônimo)  
FSP, 13/03/2000

“Tenho muito mais amigos na Internet do que fora dela. Na rede você se abre mais. Você se apaixona pela essência da pessoa, pelo seu interior”

Rosilene Pineres  
FSP, 13/03/2000

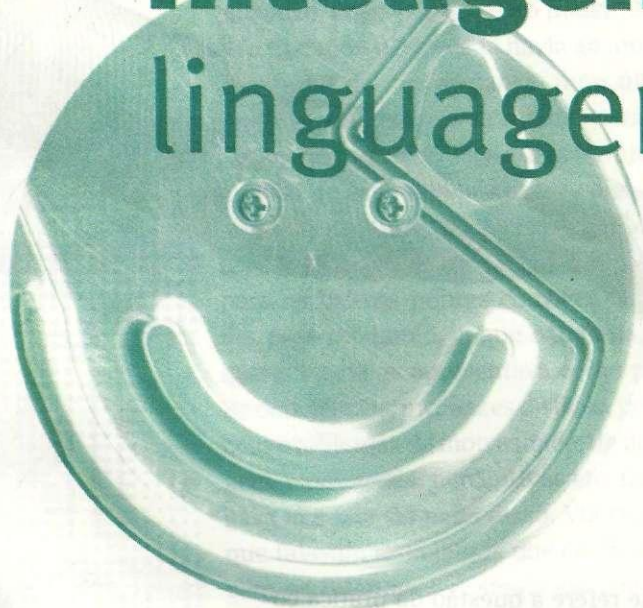
“A Internet pode ser um muito saudável, mas não é capaz de suprir carências”

Filé (pseudônimo)  
DP, 07/03/2000





# Inteligência artificial e linguagem natural



Alguns dos mais remotos trabalhos na área de inteligência artificial foram os programas terapêuticos. O primeiro deles foi desenvolvido em 1966 pelo matemático do MIT Joseph Weizenbaum e se chamava Eliza. O objetivo da pesquisa era testar como um programa poderia imitar a linguagem natural. Eliza é capaz de desenvolver um diálogo com o operador do computador, respondendo às perguntas digitadas. "Com base na teoria rogeriana, o pesquisador desenvolveu respostas convencionadas em certas estereotipias encontradas nos discursos de todos nós. Na época, Eliza provocou sensação. Hoje, o programa parece bastante limitado. Já foram desenvolvidas inteligências artificiais bem mais complexas, trabalhando com conceitos difusos. Potencialmente, já poderíamos dispor de programas bem mais realistas que o Eliza", comenta a coordenadora do Grupo de Trabalho de Psicologia e Informática e conselheira do CRP SP, Elisa Sayeg.

Mas a questão que se coloca é: será que vale a pena usar programas como suporte psicoterapêutico? Por mais que tenham avançado, os programas ainda não alcançam aptidões da mente humana, demasiadamente complexas para serem reproduzidas artificialmente. Por exemplo, um programa não poderia ser capaz de apresentar empatia e tem dificuldade de interpretar um discurso coloquial. Uma inteligência artificial pode possuir sintaxe, mas não pode ter semântica - ou seja, a capacidade de interpretação significativa,

com entendimento. "Eles podem servir para coisas como controlar eletrodomésticos, fazer previsões nas bolsas de valores, processar textos, jogar xadrez e uma série de outras atividades que envolvem a utilização de sintaxe, encadeamento de símbolos. Mas não podem entender o discurso normal das pessoas, porque para isso é fundamental a capacidade de interpretar. Dessa forma as inteligências artificiais restringem-se à automatização de certos aspectos da cognição", explica Elisa.

Para tentar chegar no âmago dessa capacidade interpretativa da mente humana, a ciência vem estudando um outro aspecto - sobre o qual até o momento pouco se sabe - que é a autoconsciência: o entendimento que cada um de nós tem de que é um ser único. "Um computador dá respostas automáticas, processadas a partir de um banco de dados. A máquina não sabe que está sabendo aquilo que sabe... Para um computador, não existe a menor diferença entre contar de 1 até 10 ou informar que o presidente do país foi deposto. Tudo se resume a seqüências de símbolos", define a conselheira do CRP SP. Interpretar mensagens dentro de um contexto só é possível à mente humana, pois para isso é preciso ser um ente autoconsciente, corpóreo e estar inserido numa rede social. A esta autoconsciência, os teóricos deram o nome de "qualia". "Há teóricos que acreditam na possibilidade de as pesquisas chegarem ao entendimento dos "qualia", outros afirmam até mesmo que eles não existem", ela pondera. Seja como for, quando chegarmos a entendê-los, e se chegarmos a isso, estaremos próximos dos seres andróides, quase indistinguíveis dos seres humanos, apresentados no cultuado filme de ficção científica "Blade Runner", de Ridley Scott. •

“...sou muito vivo e sei, que a morte é nosso impulso primitivo, e sei que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro, com seus botões de ferro e seus olhos de vidro”

Cérebro Eletrônico, Gilberto Gil, 1969



## Contatos

### Instituto Kaplan

Orientação sexual via e-mail e por telefone, site: [www.osex.org.br](http://www.osex.org.br); telefone: 0800-552533 (das 9h00 às 17:00).

### PsicoInfo

Site sobre cybercultura, oferece orientação via e-mail site: [www.psicoinfo.com.br](http://www.psicoinfo.com.br)

### Mix Brasil

Voltado para o público GLS, faz orientação sexual site: [www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br); e-mail: [jl Nascimento@uol.com.br](mailto:jl Nascimento@uol.com.br)

### Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Informática, NPPI, PUC-SP

Coordenação professora Rosa Maria Farah site: [www.pucsp.br/~clinpsic](http://www.pucsp.br/~clinpsic)

### Grupo de Estudos de Ciência Cognitiva do Instituto de Estudos Avançados, USP

Publica estudos a preços acessíveis; site: [www.usp.br/iea](http://www.usp.br/iea)

### Ciência Cognitiva e Semiótica, no Depto. de Comunicação e Semiótica da PUC-SP

Site: [www.pucsp.br/~cos-puc/ceccs/index.html](http://www.pucsp.br/~cos-puc/ceccs/index.html) e-mail: [rogcosta@pucsp.com.br](mailto:rogcosta@pucsp.com.br); telefones: (11)262-8288 / 262-4441

### Reabilitação Cognitiva mediada pelo Computador, Instituto de Psicologia, USP

E-mail: [capovilla@usp.br](mailto:capovilla@usp.br)

### Informatização de Clínica-escola

profa. Rosa Maria Farah, NPPI, PUC SP email: [rfarah@uol.com.br](mailto:rfarah@uol.com.br) dra. Eliana Herzberg, Clínica da USP email: [ehertzber@usp.br](mailto:ehertzber@usp.br)

### GT ATMC, Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador e Psicologia e Informática, CRP SP

site: [www.crp.org.br/atmc](http://www.crp.org.br/atmc)

### Educação On Line

Informática, psicanálise e educação, site: [www.regra.com.br/educacao](http://www.regra.com.br/educacao)

### Estudos de Informação e Comunicação, Edic

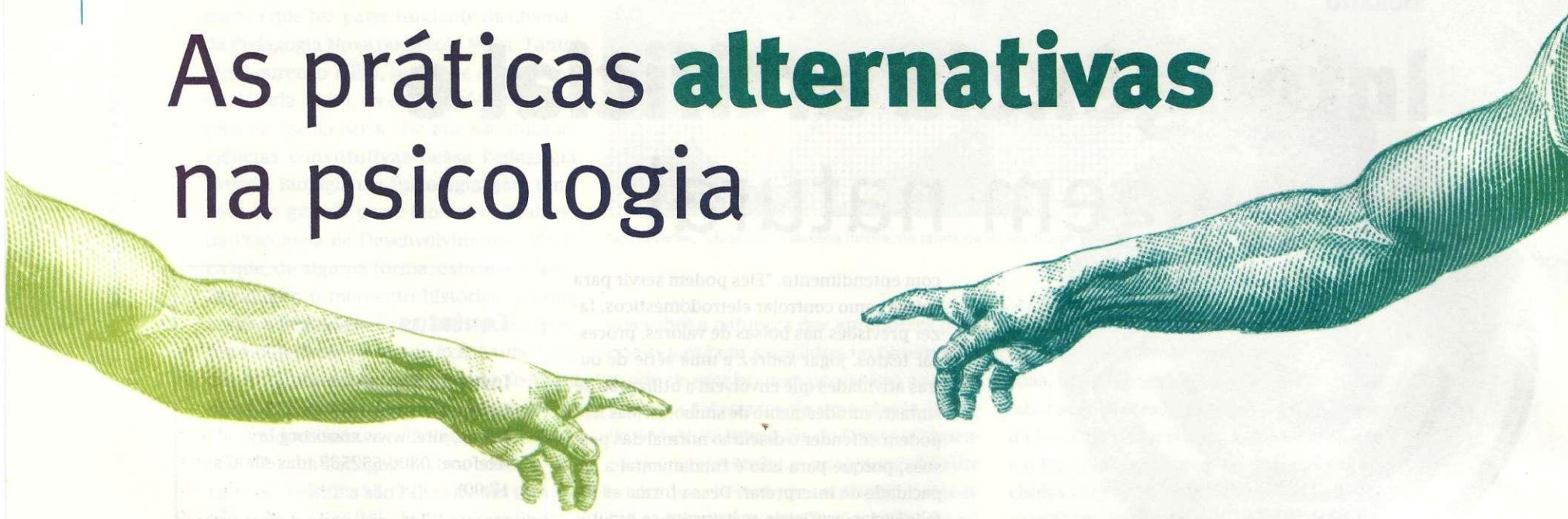
Inst. de Estudos Avançados da USP, site: [www.usp.br/iea/infocom.html](http://www.usp.br/iea/infocom.html)

### Sense-making

Design da informação e ser humano site: [www.eca.usp.br/nucleos/sense/index.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/sense/index.htm)



# As práticas alternativas na psicologia



Em nossa vida profissional sempre nos defrontamos com situações limites: a morte, a miséria, o belo, a dor, o drama e a tragédia. Essas situações muitas vezes nos levam ao desconhecido e à impotência diante da realidade. Paradoxalmente, são exatamente esses fracassos e a falta de respostas que movem a ciência e a vida e, em nosso caso específico, a produção de conhecimento em Psicologia. Esse posicionamento pressupõe uma construção do saber que permita operar no mundo de uma maneira transformadora.

A Psicologia enquanto ciência deve estar aberta às novas descobertas e contribuições, bem como produzir conhecimento em sua área específica. Contudo, uma produção científica e uma prática profissional conseqüente não podem ser confundidas com uma visão religiosa ou prática comercial. Esse posicionamento na Psicologia se contrapõe às práticas alternativas que surgem cada vez mais em nosso meio profissional e acadêmico, onde se apresentam como algo novo, "moderno", dizendo-se em oposição a uma Psicologia que

possui uma visão fechada e preconceituosa do ser humano.

No que se refere à religião e sua relação com as práticas alternativas e a ciência, pode-se levantar que o pensamento e a visão de mundo religiosa, diferentemente da ciência, trabalha com o mistério, onde uma parte daquilo que nos afeta já tem uma explicação e é visto e entendido como algo que vem de fora das relações humanas e sociais. É obra do divino, do inexplicável, e não de um problema ou de um enigma. É assim que muitas das práticas alternativas surgem: da falta de clareza do que é do campo da religião e do que é do campo da ciência. E o psicólogo adota em sua prática profissional um discurso e um fazer religioso, como se fosse científico. Essa situação se acentua diante do imponderável da vida, da morte e da impotência da ciência. Na verdade, são formas de expressão da religiosidade ou do pensamento religioso. E são muito aceitas porque tocam exatamente esses mesmos sentimentos naquele que está sendo atendido e se vê desvalido diante da impotência e, muitas vezes, da morte.

No que se refere à questão da prática comercial, essa contraposição existe, porque os critérios científicos devem ter demonstrabilidade, dentro de um discurso inteligível e aberto, de algo que possa ser utilizado também por outros cientistas e/ou profissionais na operação da realidade. Esse processo exige um determinado tempo, no qual os fatos são ou não comprovados, em um processo de maturação e desenvolvimento do pensamento que se desenvolve em um ir e vir na realidade concreta, naquilo que denominamos práxis. Pois bem, esse tempo se choca com a forma perversa de globalização em que vivemos, quando se exige uma resposta rápida, eletrônica, pronta, que na maior parte das vezes se constitui em uma aparente solução, na busca do alívio imediato. O mal-estar, no entanto, mesmo que não esteja aparente, segue e se aprofunda.

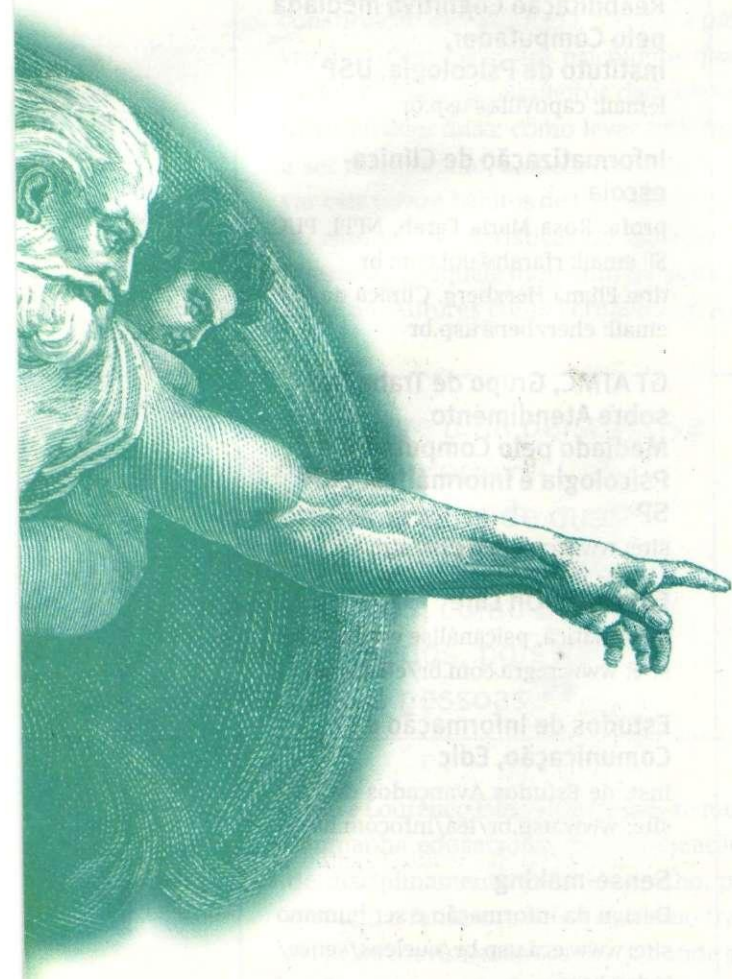
Este mundo regido pelo mercado e, por conseguinte, pela globalização perversa, apresenta-se de forma veloz e brilhante e traz, como diz Milton Santos, uma enorme quantidade de informação, ao mesmo tempo em que rompe os vínculos da comunicação. O sujeito tem produtos, mas deixa de ter trabalho e relações. É nessa esteira que surgem também muitas "psicoterapias" que oferecem soluções rapidíssimas. São "eletrônicas", verdadeiros produtos globalizados. Como conclusão, pode-se dizer que no mundo de hoje temos inúmeros problemas e não muitas soluções, sendo que a nossa vida é regida pelo mercado. Diante do desvalimento do sujeito e da dinâmica das relações sociais, confundem-se facilmente ciência e religião.

É assim que as práticas alternativas muitas vezes surgem misturadas com a religiosidade e o misticismo e também com o comércio. Elas muitas vezes atraem fortemente estudantes, psicólogos, pacientes e instituições em função de experiências e posicionamentos pessoais e não de uma ação calcada em comprovações cientificamente aceitas pela comunidade da qual faz parte o profissional. No que se refere ao comércio, sabemos que em uma sociedade onde o que for mais vendido, com o melhor marketing, e oferecendo a mágica solução, com certeza terá um grande consumo e por conseguinte uma maior renda e fonte de lucro.

## Projeto quer legalizar terapias holísticas

O deputado Luciano Castro (PSDB, RR), relator na Comissão de Trabalho da Câmara dos Deputados, quer regulamentar a profissão de "terapeuta holístico", terminologia sob a qual se abriga um amplo universo de atividades sem embasamento científico, como cartomancia, cura pelas pedras preciosas, búzios e diversas outras. Castro emitiu parecer favorável ao projeto de lei 2783/97, que define a matéria, alterando seu texto original. Pelo novo texto, a profissão poderá ser exercida por médicos, psicólogos, demais profissionais de saúde e por leigos, estes desde que com formação reconhecida pelo Conselho Federal de Terapia Holística que passa a ser considerado legal pelo mesmo projeto. Para o CRP SP, a iniciativa contribui para a desqualificação do atendimento de saúde à população, criando um "guardachuva" legal que passará a abrigar prestadores de serviços sem base científica, colocando a população exposta a serviços sem qualificação.

Jorge Broide  
psicólogo





# Comendo o pão da psicoterapia



**A Propósito de Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**

Kleber Duarte Barretto. Editora Unimarco (tel. 274 5711), 210 págs., R\$ 16,00.

Kleber, em seu livro-mestrado, com rara felicidade nos introduz no acompanhamento terapêutico através de Cervantes e sua já quase mítica dupla, para concluir: "Acompanhar vem do latim cum = comer e panis = pão. Ou seja, comer do mesmo pão" (p.188). Da loucura, digo eu. Não é essa dupla a encarnação viva do acompanhar-se mutuamente? Sancho e Quixote em suas andanças não comeram o mesmo pão de suas loucuras complementares? Como Kleber bem sugere, é Cervantes que propõe a terapêutica - a transformação de loucura (com "ele" minúsculo) em Loucura (com "ele" maiúsculo) - a experiência verdadeiramente humana - a ilusão. Sancho, o homem estreito, e Quixote, o "viajante"; o primeiro a ciscar migalhas para os prazeres da carne, o segundo pensando-se gigante para enfrentar os moinhos de vento... Ambos ancorados em suas pequenezas, como os homenzinhos-formigas do globalitarismo<sup>1</sup> dominante no planeta Terra, nesse fim de milênio.

No entanto, eles se acompanharam e nisso transformaram suas pequenas loucuras em humanização, através da arte de Cervantes. Transcenderam sua Pequenez e ingressaram no sonho humano - a civilização partilhada. Através de sua experiência como acompanhante terapêutico no tra-

tamento da doença mental e comendo o pão de Donald W. Winnicott (psicanalista do grupo independente inglês), Kleber faz as suas andanças. Faz acompanhamento, diz, e terapêutico. Acompanhando-o em suas andanças, pesquisei o significado de terapia e encontrei em Fédida<sup>2</sup>: "No Banquete de Platão, o médico Euxímaco define a medicina como a arte de se ocupar dos fenômenos do amor: é com efeito a medicina, diz ele, a ciência dos fenômenos do amor, próprios ao corpo... O médico cuida do Eros doente. Terapêutica em grego é o cuidado exercido sobre Eros doente. O médico deve restabelecer o equilíbrio do corpo para que Eros doente pelo excesso de amor seja liberado desse excesso pelo amor que lhe traz o médico. Amor de médico é amor justo: estabelece, em contrapartida, um novo equilíbrio com a parte doente de Eros..." (p.28).

Fédida, complementando, analisa o termo psicopatologia em Agamenon, do poeta Ésquilo, "onde se emprega a expressão 'patei-matos' para designar o que é pático, o que é paixão, o que é vivido. Aquilo que pode se tornar experiência (grifo meu). Em alemão, empregam-se os verbos erleben (presenciar) e erfahren (experimentar). 'Psicopatologia' literalmente quer dizer: um sofrimento que porta em si mesmo a possibilidade de ensinamento interno. Como paixão, torna-se uma prova e, como tal, sob a condição de que seja 'ouvida' (aspas minhas) por alguém, traz em si mesma o poder de cura. Isso coloca, imediatamente, a posição do terapeuta. Uma paixão não pode ensinar nada; pelo contrário, conduz à morte se não for 'ou-

vida' (acompanhada, digo eu) por aquele que está (estava, digo eu) fora; por aquele que é (era, digo eu) estrangeiro, por aquele que pode cuidar (grifo meu) dela" (p.29).

Continua ele (p.30): "... o que chamamos psicoterapia não é uma especialização da 'terapêutica'. Em que pese o prefixo psi, psique ou o acento colocado sobre o aspecto técnico da 'terapêutica' em seu conjunto, 'terapêutica' significa algo peculiar: desde que nos ocupemos do ser humano, tudo o que se passa entre ele e nós, nos mínimos detalhes, reveste uma significação de fragilidade. Exatamente o que implica o termo 'terapêutica'; em 'terapêutica' há uma conotação de respeito pela divindade. Eu diria, a atenção delicada dada ao homem como se fosse um instrumento musical. Em função da posição que ocupamos, cada coisa que dizemos ou fazemos tem imediatamente uma incidência sobre a 'matéria' (aspas minhas) vivente que o homem doente nos oferece..." (p.31).

É assim: ao acompanhar Kleber, comido seu pão e, para transformar a paixão em experiência, deixei-me acompanhar por Fédida. Espero que Kleber, eu e outros acompanhantes/acompanhados que a nós se juntem nessas paragens possam ajudar na transformação das paixões humanas em riqueza - a Loucura do Homem. Nós terapeutas, acompanhantes terapêuticos...

**Melany S. Copit**

psicóloga

(1) Expressão do geógrafo Milton Santos à Revista Caros Amigos; Nº 17, Agosto, 1998;

(2) Fédida, Pierre -Clínica Psicanalítica: Estudos. São Paulo, Escuta, 1998.

**Estante**

**As Raízes da Psicologia Social Moderna**

De Robert M. Farr. Estudo aprofundado sobre a história da Psicologia Social. Editora Vozes, 248 páginas, R\$ 22,00.

**Arte e Gestalt - Padrões que Convergem**

De Janie Rhyne. Integra a arteterapia com uma abordagem gestáltica. Summus Editorial, 284 páginas, R\$34,80.

**Freud e o Legado de Moisés**

De Richard J. Bernstein. Tradução de Laura Rumchisky. Investiga as motivações de Freud ao escrever um de seus livros mais polêmicos, "Moisés e o Monoteísmo" (1939). Editora Imago, 180 pág., R\$ 22,00

**Paradigmas em Psicologia Social - A Perspectiva Latino-americana**

Organizado por Helena de Freitas Campos e Pedrinho A. Guareschi. As tendências atuais em Psicologia Social, seus dilemas e as perspectivas para esta área. Editora Vozes, 222 páginas, R\$ 21,00.

**Psicologia e Educação: Desafios Teórico-práticos**

Organização de Elenita Tanamachi, Marisa Rocha e Marilene Proença. Apresenta temas pertinentes ao movimento de crítica das relações entre Psicologia e Educação, presente no cenário acadêmico-científico do Brasil, desde o final da década de 70. Casa do Psicólogo, 207 páginas, R\$ 20,00

**Psicologia do Esporte - Interfaces, Pesquisa e Intervenção**

Organização de Katia Rubio. Produto do trabalho que a Comissão de Psicologia do Esporte do CRP SP vem realizando na área, reúne textos de vários autores sobre a Psicologia do Esporte hoje, no Brasil. Casa do Psicólogo, 170 páginas, R\$ 13,00.

**Psicoterapia da Relação - Elementos de Psicodrama Contemporâneo**

De José Fonseca. O percurso profissional do autor através de vários textos. Editora Agora, 408 páginas, R\$ 42,10.

**Psicologia das Habilidades Sociais**

De Zilda A.P. Del Prette e Almir Del Prette. Primeiro livro de autores brasileiros sobre a Psicologia das Habilidades Sociais, possibilita a compreensão da área, principais conceitos, alternativas terapêuticas e educacionais de avaliação e de intervenção. Editora Vozes, 206 páginas, R\$15,00.

**Por Que a Psicanálise?**

De Elisabeth Roudinesco. Tradução de Vera Ribeiro. Apresenta farta documentação histórica tanto sobre a gênese da metapsicologia freudiana quanto sobre os constantes ataques editoriais contra ela. Jorge Zahar Editor, 164 págs., R\$ 23,00

**O Brincar e a Criança, do Nascimento aos Seis Anos**

De Vera Barros de Oliveira. Analisa o despertar e as etapas do brincar nas crianças de zero a seis anos e sua centralidade no desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. Editora Vozes, 184 páginas, R\$ 18,00.



## Aberto o 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário

Aconteceu de 13 de abril a 21 de maio a Mostra 1º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, reunindo os vencedores da primeira edição do concurso voltado para artistas plásticos usuários dos serviços de saúde mental de SP. Os três vencedores do 1º Prêmio – Luiz Roberto Guilguer, Gustavo Kaneviecher, Rosângela Pereira da Silva – e os demais artistas que receberam menção honrosa participaram de solenidade no auditório do CRP SP, seguida de coquetel, durante a qual foi também lançada a segunda edição do Prêmio, aberto agora às modalidades poesia e fotografia e a artistas de todo o Brasil. Inscreva-se até 31 de julho na sede do CRP SP ou no site [www.crsp.org.br](http://www.crsp.org.br) – Informações pelo telefone (11) 3061-9494.



Gustavo Kaneviecher recebendo o seu prêmio (no alto), coquetel de abertura da Mostra (centro) e os três primeiros colocados (a esq.)

## Emenda quer ampliar planos de saúde à psicologia

Os Conselhos de Psicologia estão se mobilizando em todo o país para oferecer apoio ao senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE). Ele apresentou emendas à Medida Provisória nº 1976-26 do Executivo, de 04/05/2000, que muda regras dos planos de saúde e está sendo discutida para aprovação do Congresso Nacional (em Comissão Mista). A proposta do senador é ampliar a cobertura dos planos para áreas como a Psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia etc, uma reivindicação antiga dos psicólogos. É portanto um assunto do maior interesse da categoria. Você também pode entrar nessa corrente de apoio, enviando sua manifestação para o endereço: [lucioalc@senado.gov.br](mailto:lucioalc@senado.gov.br), fax: (61)323 5372.

## Isma tem representação no Brasil

Uma representação da Associação Internacional de Controle do Stress (Isma/BR) está sendo organizada no Brasil. O objetivo é formar e capacitar novos membros para aumentar a qualidade dos serviços prestados nessa área. A Isma é uma organização presente em doze países (Alemanha, EUA, Espanha, França etc). Os profissionais e estudantes interessados devem entrar em contato com Ana Maria Rossi (CRP 07/04777) pelo telefone (51) 3462568 ou pelo e-mail: [dr.amr@zaz.com.br](mailto:dr.amr@zaz.com.br). Ou acessar o site: [anamrossi.web.zaz.com.br](http://anamrossi.web.zaz.com.br)

## Projeto difunde a cultura da reciclagem

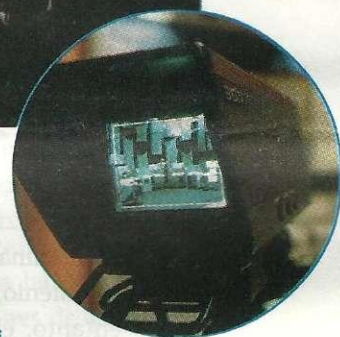
O Projeto Reciclagem Papel da Gente foi fundado em 1994 e tem perseguido a meta de difundir a cultura da reciclagem de materiais oferecendo cursos para o público em geral e operando uma Oficina de trabalho voltada para usuários dos serviços de saúde mental. A reciclagem é, para os organizadores do Projeto, uma forma de aumentar a qualidade de vida e tornar as relações mais flexíveis e humanas. Há várias formas de participar e apoiar a instituição. Informações é (11) 5394457, Rua Manoel de Moraes, 79, Vila Mariana, Cep 04126-070, São Paulo SP.



## “Diversidade” o CRP SP na tv

“Loucura e preconceito” foi o tema debatido na estréia do programa de tv “Diversidade”, resultado de uma parceria entre a TV PUC e o CRP SP. O programa foi ao ar dia 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial, às 20h00, pelo Canal 15 (CNU) da Net e TVA e será gravado mensalmente, sob o comando da presidente do CRP SP Lumêna

Os participantes da 1ª edição do programa Diversidade: (da esq. para dir.) Antonio Lancetti, psicólogo, Vera Vita, que falou pelos usuários e familiares, Lumêna, do CRP SP, Jonas Mellman, psiquiatra e Isabel Cristina Lopes, psicóloga



Castro Furtado, trazendo sempre quatro convidados para falar sobre questões atuais que envolvam diretamente a Psicologia. Nosso próximo assunto será “O Adolescente Autor de Ato Infracional”.

As gravações, abertas ao público, ocorrerão sempre na primeira terça-feira de cada mês. Participe fazendo sua reserva no telefone da Secretaria do CRP SP (11/3061-9494) ou assista pela televisão nos seguintes horários: estréia – toda 2ª quinta-feira do mês, às 20h00; reprises – 2ª sexta-feira do mês, 01h00; 2º sábado do mês, 15h00; 2º domingo do mês, 10h00.

## Cursos eppa

Escola Paulista de Psicologia Avançada



- Mais Objetividade à Carreira
- Melhor Resultado Profissional
- Docentes de Expressivo Nível Profissional

### CURSOS JUNHO/JULHO-2000

#### Orientação Vocacional

Docentes: **Eneida Almeida dos Reis** – Psicóloga Clínica. Mestre em Psicologia Social(PUC-SP). CRP 06/21720-1  
**Liomar Quinto de Andrade** - Psicólogo Clínico, com especialização na abordagem Gestáltica. Doutor em Psicologia(USP). CRP 06/1938  
Carga horária: 32 horas  
Data: 08 a 23/julho  
Sábado e Domingo das 9 às 18 horas. Finais de semanas alternados.

#### Hipnose Naturalista Ericksoniana

Docente: **Mirthes Camargo Roncato**  
Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia da Saúde. CRP 06/32380-7  
Carga horária: 16 horas  
Data: 10 e 11/junho  
Sábado e domingo das 8 às 18 horas.

#### Jogos, Treinamento e Desenvolvimento do Pessoal

Docente: **Maria Inês Felipe** – Mestre em Desenvolvimento de Potencial Criativo pela Universidade de Santiago de Compostela - Espanha. Psicóloga com especialização em RH. Consultora Organizacional. CRP 06/23703-8  
Carga horária: 12 horas  
Data: 08 e 09 de julho  
Sábado das 9 às 18h e domingo das 9 às 13h.

#### Pacientes Depressivos

Docente: **Valdemar Augusto Angerami** – Camon – Psicólogo Clínico, com especialização em Psicoterapia Existencial. Autor de diversos livros publicados. CRP 06/4408.  
Carga horária: 16 horas  
Data: 29 e 30/julho.  
Sábado e domingo das 9 às 18 horas.

#### Criatividade Pessoal e Profissional

Docente: **Maria Inês Felipe** – Mestre em Desenvolvimento de Potencial Criativo pela Universidade de Santiago de Compostela - Espanha. Psicóloga com especialização em RH. Consultora Organizacional. CRP 06/23703-8  
Carga horária: 16 horas  
Data: 01 e 02 de julho  
Sábado e Domingo das 9 às 18h

#### Transtornos de Ansiedade

Docente: **Maria Ambrosina da Costa - Nina** – Psicóloga Clínica, especializada em Transtornos Afetivos(UNIFESP). Mestre e Doutoranda em Saúde Mental. CRP 06/49317-5  
Carga horária: 16 horas  
Data: 01 e 02/julho  
Sábado e domingo das 8 às 18 horas.

Tels.: (011) 6161-3001 - (011) 5061-9776 - Site: [www.eppa.com.br](http://www.eppa.com.br) - E-mail: [eppa2000@terra.com.br](mailto:eppa2000@terra.com.br)  
Rua Mesquita, 789 - Aclimação - 01544-010 - São Paulo - SP - Estacionamento Conveniado

## TESTE DE ATENÇÃO TAVIS2-R

- Totalmente computadorizado
- Correção automática dos resultados
- Único normatizado no Brasil
- Evita erros de medição do examinador
- Avalia a capacidade de atenção detalhadamente com três tarefas.

Centro de Neuropsicologia Aplicada  
Tel.: 0xx21 295-3796 Fax.: 541-6492



# Voluntariado: de graça não quer dizer de qualquer jeito

É prática antiga em nossa profissão a oferta de serviços voluntários a instituições, principalmente as de natureza filantrópica. Psicólogos recém-formados muitas vezes colocam-se à disposição do voluntariado com objetivo diversos, como adquirir experiência, abrir espaço para um futuro posto de trabalho ou simplesmente desenvolver uma atividade baseada em ideologias religiosas e/ou políticas. Alguns deles consultam o Conselho para saber se podem fazer publicidade oferecendo atendimento gratuito, fazendo posteriormente encaminhamentos para clínica/consultório próprio ou para outras instituições.

A variedade de situações verificadas mostra que o voluntariado não é uma questão simples e pode se desdobrar em inúmeras outras que merecem diferentes respostas. Não cabe ao Conselho, em princípio, proibir o psicólogo de oferecer serviços gratuitamente, mas sim zelar para que esses serviços sejam de qualidade e atendam aos princípios éticos da profissão. Em função disso, o psicólogo, mesmo voluntário, deve estar registrado no CRP SP (e também a instituição a que preste assistência na área psicológica). Esta exigência não é apenas burocrática, mas aponta para a necessidade de reforçarmos o compromisso profissional e combater a mentalidade de que "de graça pode-se fazer qualquer coisa, de qualquer jeito". Além disso, há de se ter

todo cuidado para não se estabelecer com a clientela um vínculo de gratidão e submissão que não favorece a saúde mental, particularmente nos aspectos psicossociais, e menos ainda de fazer do serviço prestado um veículo de doutrinação, seja ela qual for, o que caracterizaria infração ética (Artigo 2º, alínea e do Código de Ética).

Problema maior se coloca quando se trata de psicólogos formados trabalhando como voluntários na rede pública. Poderíamos entender que estes estariam amparados pela Lei do Voluntariado (Nº 9.608, de 18/2/98), que define o serviço voluntário como "atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social..." É uma lei que regulamenta uma atividade cada vez mais presente em nossa sociedade e amplamente discutida por este jornal em sua última edição, referente ao chamado terceiro setor e as polêmicas que suscita.

Um psicólogo voluntário se desobrigaria de qualquer vínculo trabalhista com a instituição em que presta serviço, tendo por isso plena liberdade de ação no que diz respeito a horários, férias etc. Esse tipo de relação, contudo, pode também impedir a existência

de uma atividade planejada e integrada com os outros profissionais, prejudicando a qualidade da assistência prestada. Além disso, o voluntário está prestando serviços no lugar de um profissional regularmente contratado para sua função, desobrigando o Estado de cumprir com seu dever. Por isso mesmo, a posição do Conselho neste caso é de que o trabalho do psicólogo voluntário deve ser parte de um projeto maior, oferecido e aceito pela instância responsável pelo equipamento e/ou instituição. Reproduzindo o que diz a legislação citada, deve haver um contrato ou termo de adesão entre a entidade pública ou privada e o prestador de serviço voluntário, nele constando o objetivo e as condições para o exercício da atividade.

As ofertas de serviços gratuitos em clínicas privadas ou consultórios, divulgadas em publicidade, ficam muito próximas das promoções que existem para o consumo em geral (ganhe um cartão de crédito e não pague a primeira anuidade, compre três produtos e leve um de graça etc.). Sem esquecer que no exercício das profissões liberais existe o mercado e a competição, preferimos considerar que é a qualidade de nossos serviços e o preço justo cobrado que nos garantirá clientela. Muitos "jeitinhos" criativos, aparentemente bem intencionados, não condizem com a natureza de nossas atividades. ●

## Agenda

### Junho

- [14]** **Encontro teórico-clínico: "A Psicanálise do Sensível - Somatização e Memória Corporal"**. Organização: Instituto Sedes Sapientiae. Local: Rua Ministro de Godói, 1484, Perdizes, São Paulo, SP. Horário: 20h30. Informações: (11) 3873-2314 e-mail: psicossoma\_sedes@dialdata.com.br
- [14]** **Mesa-redonda: "Violência Doméstica"**. Coordenação: Subsede de Santos. Local: Assoc. dos Rotarianos de Registro, Rua José Antônio de Campos, 450, Centro, Registro, SP. Horário: das 8h30 às 17h30. Informações: (13) 235-2324 e-mail: crpsto@zaz.com.br
- [16 e 17]** **Mentes e Mídia: A criança na era digital**. Organização: Instituto Sedes Sapientiae. Local: Rua Ministro de Godói, 1484, Perdizes, São Paulo, SP. Horário: 20h30. Informações: (11) 3873-2314
- [21 a 24]** **II Congresso Latino-americano de Psicologia Junguiana**. Promoção: Soc. Bras. Psicologia Analítica, Fundación C. G Jung Del Uruguay e Assoc. Junguiana do Brasil. Local: Rio de Janeiro, RJ. Informações: (21) 286-5924 / 266-4942 e-mail: avastours.brazil@pobox.com.br

- [30]** **Videoclube CRP SP - filme "Baleias de Agosto", tema: Melhor Idade**. Comentários de João Augusto Pompéia, professor de Psicologia da Puc SP e Wilson Jacob Filho, professor da Fac. de Medicina da USP. Horário: 19h00. Local: Auditório da sede do CRP SP.

### Julho

- [7 a 9]** **Congresso Brasileiro Multiprofissional em Diabetes**. Organização: Anad. Local: Fecap, Av. Liberdade, 532, Metrô Liberdade, São Paulo, SP. Horário: das 8h00 às 18h00. Informações: (11) 572-6559 ou 549-6704 e-mail: anad@netcomp.com.br
- [16 a 20]** **III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural**. Organização: Fac. de Educação, Unicamp. Local: Centro de Convenções da Unicamp, Campinas, SP. Informações: (19) 788-5588 e-mail: br2000@obelix.unicamp.br
- [27]** **Debate "Relação ECA e LOAS"**. Local: Auditório da OAB, Rua Cavalheiro Torquato Rizzi, 215, Ribeirão Preto, SP. Horário: 14h00 às 17h00. Informações: (16) 620-1377, email: ribeirao@crpsp.org.br

### Agosto

- [2 a 6]** **IV Congresso Brasileiro de Terapia Familiar e II Encontro Latino-americano de terapia familiar**. "A família em tempos de transição: justiça social, ética e cidadania". Promoção: Assoc. Bras. e Centro Oeste de Terapia de Família. Local: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, DF. Informações: (61) 224-9077 e-mail: intermedium@brasil.com.br
- [24 a 27]** **1º Encontro Sul-brasileiro de Psicologia**. Local: Mabu Parque Hotel, Curitiba, PR. Informações: CRP-PR: (41) 362-4848 CRP-SC: (48) 244-4826 CRP-RS: (51) 330-3458/335-1838. email: crpo8@crprp.org.br
- [25 a 26]** **VII Encontro Estadual de Clínicas-escola**. Promoção: Curso de Psicologia da Unisantos. Local: Rua Carvalho de Mendonça, 144, Santos, SP. Horário: 8h00 às 16h00. Informações: (13) 250-5555, ramais 705 e 706, home-page: www.unisantos.com.br/psicologia
- [31]** **Debate: "Plataforma Criança e Adolescente para as Eleições Municipais 2000"**. Local: Câmara Municipal, Av. Jerônimo Gonçalves, 1200, Ribeirão Preto, SP. Horário: 19h30 às 21h30. Informações: (16) 620-1377 e-mail: ribeirao@crpsp.org.br